

UNIVERSIDADE FEEVALE  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS

**DOUGLAS CASSIUS ROSA**

**CENTRO CULTURAL:  
A CASA DO ROCK GAÚCHO**

Novo Hamburgo  
2017

**DOUGLAS CASSIUS ROSA**

**CENTRO CULTURAL:  
A CASA DO ROCK GAÚCHO**

Pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Feevale.

Professores: Carlos Henrique Goldman e Geisa Tamara Bugs

Orientador: Nilza Cristina Taborda de Jesus Colombo

Novo Hamburgo

2017

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer do fundo do meu coração por toda força, apoio e incentivo, mesmo nos momentos mais difíceis e complicados, as pessoas que sempre estiveram do meu lado nessa jornada incrível, e que levarei para minha vida.

A minha mãe Teresinha e ao meu pai Admar que sempre, desde pequeno, incentivaram a correr atrás dos meus sonhos, mesmo eu caindo e me machucando, eles sempre estiveram do meu lado me reerguendo e me empurrando para a vida, jamais esquecerei dos seus ensinamentos e conselhos.

A uma pessoa muito especial que entrou na minha vida ao longo do curso de arquitetura e urbanismo e sempre foi uma incentivadora nata, nunca deixou eu desmotivar mesmo nos piores momentos de angústia, apreensão ou até desespero, ela sempre esteve ali do meu lado ajudando em tudo que era possível e impossível, a minha namorada Estéfani.

Aos mestres que passaram por esta jornada inesquecível da faculdade, que me ensinaram o ofício que quero levar para toda minha vida, mas principalmente que contribuíram para meu crescimento como indivíduo.

A minha orientadora que teve muita paciência e calma para saber como lidar comigo, da forma a me incentivar e puxar minhas orelhas nos momentos certos, e não foram poucos, obrigado Nilza Cristina Taborda Colombo.

Obrigado a todos.

“A arquitetura é música petrificada”.  
Johann Wolfgang Von Goethe.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>7</b>  |
| <b>2 ROCK GAÚCHO</b> .....  | <b>8</b>  |
| 2.1 O INÍCIO DO MOVIMENTO .....   | 8         |
| 2.2 CARACTERÍSTICAS E INFLUÊNCIAS DO ROCK GAÚCHO.....                                 | 13        |
| 2.3 MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL .....  | 15        |
| 2.4 JUSTIFICATIVA .....   | 17        |
| 2.5 PÚBLICO ALVO .....  | 19        |
| <b>3 MÉTODO DE PESQUISA</b> .....   | <b>21</b> |
| 3.1 PESQUISA BIBLIOGRAFICA.....   | 21        |
| 3.2 ABORDAGEM QUANTITATIVA .....  | 21        |
| 3.3 ESTUDO DE CASO .....  | 23        |
| <b>3.3.1 Casa de Cultura Mario Quintana</b> .....                                     | <b>23</b> |
| <b>3.3.2 Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues</b> .....                    | <b>27</b> |
| <b>4 ÁREA DE INTERVENÇÃO</b> .....  | <b>31</b> |
| 4.1 PORTO ALEGRE: O BERÇO DO ROCK GAÚCHO.....   | 31        |
| <b>4.1.1 Contexto histórico</b> .....   | <b>31</b> |
| <b>4.1.2 Contexto cultural</b> .....  | <b>32</b> |
| <b>4.1.3 O lote</b> .....   | <b>33</b> |
| <b>4.1.4 Justificativa para a escolha do lote</b> .....                               | <b>36</b> |
| <b>4.1.5 Características e dimensões do lote</b> .....                                | <b>38</b> |
| <b>4.1.6 Análise do entorno</b> .....   | <b>40</b> |
| <b>4.1.7 Análise do plano diretor (legislação vigente e regime urbanístico)</b> ..... | <b>41</b> |
| <b>4.1.8 Condicionantes Bioclimáticos</b> .....                                       | <b>44</b> |
| <b>5 PROJETO PRETENDIDO</b> .....   | <b>46</b> |
| 5.1 PROJETOS REFERÊNCIAIS FORMAIS .....   | 46        |
| <b>5.1.1 Edifício Administrativo da companhia de gás em Jiading</b> .....             | <b>46</b> |
| <b>5.1.2 Centro Cultural em Baud</b> .....  | <b>50</b> |
| 5.2 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLAGOS.....   | 52        |
| <b>5.2.1 Escola de Música Tohogakuen</b> .....  | <b>52</b> |
| <b>5.2.2 Museu do Rock / Ragnarock</b> .....  | <b>56</b> |

|  |           |
|--|-----------|
| 5.3 CENTRO CULTURAL: A CASA DO ROCK GAÚCHO .....                       | 60        |
| 5.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTOS.....               | 63        |
| 5.5 PROPOSTA DE PROJETO .....  | 65        |
| 5.6 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS .....                            | 66        |
| <b>6 NORMAS TÉCNICAS .....</b>   | <b>67</b> |
| 6.1 NBR 12179 - TRATAMENTO ACÚSTICO.....                               | 67        |
| 6.2 NBR 9050 - ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÃO, MOBILIÁRIOS E ESPAÇOS .... | 68        |
| 6.3 NBR 9077 - SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS .....                  | 70        |
| <b>CONCLUSÃO .....</b>   | <b>73</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                                 | <b>74</b> |
| <b>APÊNDICE.....</b>   | <b>78</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como objetivo analisar um aspecto importante da história da sociedade: a cultura; e suas influências no passado, presente e futuro. Enfatizando a musicalidade da região de Porto Alegre e seu peculiar estilo musical Rock Gaúcho, de modo que, posteriormente as informações sirvam de referência para o projeto de trabalho final de graduação.

Tendo em vista facilitar a compreensão do projeto, a pesquisa foi estruturada conforme método cartesiano, em capítulos. Onde, embasado em conteúdos bibliográficos, disserto sobre o tema música e o estilo musical Rock Gaúcho, descrevendo sua história, origem, características, conceitos e possíveis aplicações na sociedade. Enriquecendo os dados por meio de uma abordagem quantitativa, com a aplicação de um questionário e do estudo de caso, através da análise de dois espaços culturais, existentes na cidade de Porto Alegre, a Casa de Cultura Mário Quintana e o Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues.

Descrevo ainda informações relevantes sobre o projeto pretendido, o centro cultural: seu conceito, origem e desenvolvimento na história. Possibilitando avaliar o programa de necessidades, as referências formais e análogas de projetos arquitetônicos referentes ao tema, assim como o lote pretendido em suas dimensões, características do entorno, condições climáticas e viárias, e os regulamentos inseridos no plano diretor do município, além da análise da aplicação de normas técnicas referentes a acessibilidade, saídas de emergência e o tratamento acústico para o futuro projeto, ou seja, o Centro Cultural: A Casa do Rock Gaúcho.

## 2 ROCK GAÚCHO

Este capítulo versa sobre a importância histórica do rock desenvolvido no Estado do Rio Grande do Sul, denominado Rock Gaúcho. Aborda sua relevância histórica, origem, características, conceitos e aplicações. Visando o objetivo do projeto, estruturar um centro cultural para lembrar o passado através de memorial, que conta toda a história do rock, fomentar o presente, com espaços para interação pessoal e desenvolver o futuro, da música e do rock, através do ensino musical para o público infantil, com ênfase na cultura local. Ressalta a importância da música, não apenas como forma de lazer, mas, sim como um de estilo de vida. Pretende-se que o Rock Gaúcho não seja apenas lembrado como um fato histórico dos anos 80 e sim perpetuado e reinventado pelas próximas gerações, pois tendo presente que é na arte que uma sociedade se expressa.

### 2.1 O INÍCIO DO MOVIMENTO

A estrutura musical do Rock nasceu da junção de diversos estilos, alguns deles provenientes da África e Ásia, que se uniram com as misturas harmônicas dos clássicos europeus, trazendo assim a criação de diversos ritmos como: Jazz, Blues Folk e Country, tornando-se a base do que atualmente se denomina como Rock n'Roll. Apresenta-se muitas vezes, sendo um som mais simples, características marcantes do Jazz ou Blues, mas com maior vigor e intensidade sonora provenientes do Folk e do Country, contendo em suas letras composições do cotidiano (KESKE; LEHNEN, 2012).

O Rock é uma mistura única, que nasceu em meio ao racismo norte-americano dos anos 50, por músicos afro-americanos tornando-o um sucesso musical. Esta década do século XX, ficou marcada artisticamente como a década que surgiu o Rock n'Roll, um estilo que transcendeu a música. Iniciou como gênero musical e no mesmo período se tornou o estilo de vida de uma juventude, que após 2ª Guerra Mundial queria consumir arte, possibilitando a fusão necessária para criar os primeiros acordes do Rock. Em meio a tantas mudanças nas produções sonoras, alguns nomes começaram a dominar este mercado. Pode-se citar: Chuck Berry, Ike Turner, Fats Domino, entre tantos outros talentos (CAMPOS, 2011). Informações sobre esse estilo e suas peculiaridades também são tratadas por Pontarolo (2009):



O Rock nasceu embriagado nos ritmos do rhythm and blues afro-americanos, mas também adotou elementos do pop e do country music que o impediram de se transformar numa versão branca de rhythm and blue, criando, assim, uma proposta própria.

As gravadoras e produtoras não conseguiram se desvincular do Rock estilo americano, mas nos anos 60 duas bandas conseguiram se destacar no cenário e fazer frente ao estilo americano, começando assim a chamada "invasão britânica". Beatles e Rolling Stones foram os maiores representantes da indústria fonográfica, quebrando fronteiras e influenciando muitos músicos e pessoas com o estilo mais britânico de fazer rock, com uma postura mais energética de Rock (CAMPOS, 2011).

Com a invasão sonora do estilo musical, ele ditou um padrão de atitude. O Rock é um importante estilo musical que, em todo o mundo, conquistou adeptos devido a sua sonoridade, interferindo no estilo de vestir, de encarar a vida e de produzir música. Enquanto isso, no cenário nacional, este surgiu como uma forma de ir contra o sistema político, e terminou por influenciar a atitude e a percepção dos jovens, que sentiam-se oprimidos em uma época em que a população não detinha de voz ativa, estes jovens utilizaram da música para bater de frente com situação, manifestando sua opinião e seu desejo de mudança. (KESKE; LEHNEN, 2012). E ao contrário do restante do país, no Estado do Rio Grande do Sul o estilo se moldou, obtendo maiores influências do Rock Inglês, diferente da Jovem Guarda nacional que trazia uma releitura de Rock mais moderada, pop e menos agressiva. Como destaca Campos (2011, p. 19 apud Eitelven; Avila, 2011, p.11):

O Rock no Rio Grande do Sul se formou por via direta. Foi o rock inglês que pesou muito aqui. Uma série de bandas como Rolling Stones, Kinks, Beatles, influenciaram mais o nosso rock do que outras manifestações. A Jovem Guarda foi quase uma resposta bem-comportada ao rock internacional, que era visto como uma coisa marginal e rebelde... E os roqueiros gaúchos dos anos 60 nunca foram com a cara da Jovem Guarda sempre buscavam tocar de forma mais radical. Os conjuntos de Jovem Guarda acabavam virando bandas de baile.

É importante destacar que o Rock é um movimento que, além de renúncia ao padrão social, valorizou-se por conta do som produzido pelas guitarras, uma vestimenta despojada, incluindo roupas rasgadas e desbotadas, a um reconhecimento visual e sonoro muito claro. Historicamente o Rock Gaúcho

contribuiu para a história da música e cultura local, e segue ganhando importância no cenário regional (KESKE; LEHNEN, 2012).

Nos anos 60, na cidade de Porto Alegre, local que possuía uma sonoridade musical mais voltada para a Bossa Nova brasileira, começava a surgir um novo estilo musical, denominado Rock Gaúcho. Seu início ocorreu através do cantor e compositor Fughetti Luz, líder e fundador das bandas Liverpool e Bixo da Seda. Duas bandas originais do bairro IAPI, que nos anos 60 se tornou o celeiro de ases do rock produzido na capital do estado (FARIA, 2011).

Do mesmo modo, Kichalowsky (2014) descreve que “Rock Gaúcho é a denominação dada à música, geralmente rock, produzido no Rio Grande do Sul”. E completa ao estabelecer a possível origem do termo:

“O rock gaúcho tem origens no final dos anos 1960 e início dos anos 1970, mas o termo “rock gaúcho” provavelmente se originou em 1967, com o surgimento da banda Liverpool. Inicialmente uma banda de cover dos Beatles, liderados pelo cantor Fughetti Luz, se inseriam no panorama da música brasileira da época, marcado especialmente pela liberdade proposta pela Tropicália”.

A partir das intensas movimentações dos anos 80, o novo gênero musical começou a ganhar força no cenário regional. Neste período, o bairro Bom Fim já conhecido por ser um bairro boêmio da cidade, ganhou mais uma característica com a abertura de bares e locais de apresentações para todos os gêneros de manifestações artísticas. Fato que acabou por atribuir destaque ao Rock local. O Bar gerou para a cena *underground*<sup>1</sup> da cidade, além de um espaço nobre para shows e apresentações, um local de encontro, interação, reuniões e muitas conversas, criando assim vínculos importantíssimos de amizades. Fica evidente mais uma das principais características do Rock, que é a interação, o contato e a amizade entre pessoas. Junto à essa efervescência sonora que surgia com força no *underground* gaúcho, aconteceu a estréia da rádio Bandeirantes FM, comandada pelo radialista Nilton Fernando<sup>2</sup> que retornava da cidade de São Paulo. Mesmo esta possuindo um nome paulista, se instalava na nossa capital com intenção de criar vínculo e raízes com a cidade. Nesta rádio que começou a surgir uma pequena programação local

---

<sup>1</sup> Underground expressão utilizada grupo que não segue padrões, geralmente não está na mídia.

<sup>2</sup> Nilton Fernando nasceu em Cachoeira do Sul, região central do Estado do Rio Grande do Sul, fez carreira como radialista em Porto Alegre e São Paulo.

de Rock, implantando assim o embrião roqueiro nas ondas radiofônicas da capital (DI PINTO et al, 2014).

A nova intenção de incluir musicalidade local, da recém-chegada rádio em Porto Alegre, ganhou uma repercussão quase imediata com os músicos e amantes do estilo, pois trazia para sua programação, mesmo ainda de forma tímida, mas, consistente, pela primeira vez o Rock Gaúcho. O cenário das bandas ganhou maior visibilidade, a Bandeirantes FM estava no ar há poucos meses e já começava a receber fitas independentes de músicos e bandas gaúchas (BORBA, 1996).

Devido a repercussão, por incluir o Rock na programação diária da rádio, o grupo Bandeirantes acabou criando uma nova rádio. Está com um o propósito bem específico, uma programação contemplando apenas o Rock, e com muita influência local, criando assim o desejado vínculo com a cidade. Surgiu em 1983, a rádio Ipanema, que tornou se ao longo dos anos um ícone do roqueiro gaúcho, ajudando ainda mais a divulgar as bandas locais e o estilo musical produzido aqui no Sul. Fez com que as bandas estritamente do *undergroud* ganhassem espaço no cenário local e até mesmo alçando voos maiores para o cenário nacional, com nosso Rock peculiar (DI PINTO et al, 2014).

Conforme Campos (2011, p. 21), a Ipanema FM marcou a história do Rock Gaúcho:

A Ipanema FM marcou presença na história do "Rock Gaúcho" ajudando a formar um mercado musical interessante que, aos poucos, crescia com o surgimento de estúdios de gravações, selos, produtoras e produtores fazendo com que o rock nacional direcionasse seus holofotes para o sul do país.

Com a grande expansão do Rock no território gaúcho, começaram a surgir bandas com destaque nacional, como Engenheiros do Hawaii e Nenhum de Nós, além de grandes bandas de destaque regional como Graforrêia Xilarmônica, Garotos da Rua, Taranatiriça, Bandalieira, Os Cascavelletes, De Falla, TNT, Os Replicantes, trazendo em sua sonoridade os aspectos e características bem claras do nativismo local. Foram gravados diversos compactos com várias bandas, como em 1985 a coletânea Rock Grande do Sul, que possibilitou ao Rock Gaúcho ultrapassar ainda mais fronteiras em direção a todo o país e dar ainda mais força para o movimento (KICHALOWSKY, 2014).

A partir desta influência, dos anos 80, o Rock Gaúcho empregou destaque nas novas bandas que surgiam e que ainda surgem no estado do Rio Grande do Sul, mostrando que o movimento não foi apenas uma onda passageira e sim um pilar histórico forte para novas gerações (BORBA, 1996). Como destacado pelo mesmo (p. 109):

Bandas como Maria do Relento, Acústicos e Valvulados, e comunidade Ninjitsu, entre outras, são herdeiras daquela movimentação dos anos 80. Aquela onda passou, mas deixou mais do que sementes. Deixa a experiência vivida por todas aquelas bandas e uma história que precisa ser passada para os novatos que hoje ensaiam nas garagens e que sonham em pegar a estrada, a mesma estrada, numa nova viagem.

Em meio a decadência das gravadoras e com a perda da força da indústria fonográfica, o Rock Gaúcho entrou em certo ostracismo em nível de *mainstream*<sup>3</sup>, e acabou por sumir do cenário nacional. Posteriormente Porto Alegre, se reinventou no cenário musical local, retornando para o *underground*. As bandas na atualidade trabalham muito de forma autônoma, sendo divulgadas por elas mesmas ou por selos independentes, sem chancela de grandes produtoras, fortalecendo a união entre músicos e ouvintes isso traz uma visão do que era feito no passado, mas, de forma revigorada para o momento atual. E são essas iniciativas, de se reinventar, de união, que sempre marcaram o vanguardismo do estado, fortalecendo cada vez mais a cena local. Novas bandas estão entrando no cenário local através dessas uniões, novos selos, internet e tudo que há disponível no mercado como forma de divulgação (FOSTER, 2016).

A força do Rock Gaúcho como estilo musical, reconhecido em nível nacional, ficou evidenciado em certos momentos, como é o caso do programa na rede emissora de TV MTV, que em 2005 reuniu diversas bandas da nova geração do Rock Gaúcho para fazer um programa especial. Este contava com bandas independentes do cenário local, e foi denominado de Bandas Gaúchas, dando a chancela de que o Rock feito no Sul e denominado Rock Gaúcho continuava em ebulição e efervescência cada vez mais fortalecido (KICHALOWSKY, 2014).

---

<sup>3</sup> Mainstream expressão utilizada para corrente principal.

## 2.2 CARACTERÍSTICAS E INFLUÊNCIAS DO ROCK GAÚCHO

O Rock n'Roll, como todo gênero musical que surge, enfrentou preconceitos por se originar do Blues, estilo conhecido por possuir tradicionalmente três acordes, e os músicos de gêneros musicais considerados mais complexos tendem a desmerecer o estilo pela técnica, pois se tornaria um estilo musical primário e simplista de três acordes. O Rock é um estilo simples, mas carrega com si elementos que o caracterizam, e possibilitam o reconhecimento de quem ouve, e evidencia sua sonoridade. Com característica sonora bem clara e forte faz com que o Rock, tenha sua linguagem própria. E é esta que torna o estilo reconhecido, necessitando de tempo para que o músico desenvolva essa capacidade, pois não acontece do dia para a noite (CAMPOS, 2011).

Todo o estilo musical tem suas características, e não é diferente com o Rock feito no Sul do país. O Rock Gaúcho carrega o sotaque e as expressões típicas da cultura do Rio Grande do Sul e cita locais como a capital Porto Alegre, litoral e demais localidades (KESKE; LEHNEN, 2012).

O estilo de Rock criado no Sul possui peculiaridades se comparado com o restante do país, muito pela proximidade com Argentina, local em que o Rock chegou antes e com uma característica mais inglesa, conseqüentemente sonoridade diferente. O Rio Grande do Sul se abasteceu desta influência para começar a gerar música deste estilo, com essa peculiaridade (PIMENTEL, 2012). Informações também relatadas por Campos (2011, p. 521):

Deste modo, o Rio Grande do Sul, do extremo sul do país e das baixas temperaturas, tem uma identidade muito particular, moldada entre o conservadorismo e a vanguarda cultural. Tais contradições também forjaram, a margem do idioma oficial, um dialeto gaúcho particular que contempla expressões muito específicas, incorporadas à cultura local.

A cena roqueira no Rio Grande do Sul possui uma origem, uma base e não é algo passageiro, como muitas vezes acontece com determinados artistas ou estilos em nível nacional, que se tornam um Boom musical. A música produzida no Estado não é feita em série ou padronizada, a cena roqueira é mais consistente pois se trata de uma cena musical forte, com personalidade própria, com bases fortes. Não é nada difícil perceber que, na maioria das músicas que circulam nas rádios gaudérias, a temática fala em alegria, companheirismo, hospitalidade, celebra a

felicidade do amor. O gaúcho não faz apenas questão de proclamar sua autonomia, ele considera este direito inalienável, e pense o que bem entender quem enxergar nisso arrogância ou presunção. Não há problema algum em um povo nutrir uma imagem positiva de si mesmo. Sem contar o fato de que nem sempre o Rock tem que tratar de algo sério, também podendo trazer letras mais divertidas e descontraídas, com senso de humor mais apurado, com certa ironia ácida, com uma pitada forte de sarcasmo e bom humor sem ser um palhaço no palco, mas caracterizando bastante o som de algumas bandas do Sul, como é o caso de: Graforrêia Xilarmônica, Comunidade Nin-Jitsu, Bidê ou Balde. Diversas bandas preferem continuar no Estado ao invés de rumar para o eixo Rio São Paulo, mesmo com músicos de excelente qualidade, pois tem como prioridade manter a fidelidade do público local. Detemos de um mercado forte, mesmo estando deslocado territorialmente do centro do país. A sonoridade peculiar e com base bem estabelecida faz com que as bandas de vários pontos do Brasil, tenham no Rock Gaúcho uma de suas principais influências para seguir seu caminho (AVILA; BASTOS; MÜLLER, 2001).

Como mencionado por Campos (2011, p. 19):

A Graforrêia gerou, em função do que seria seu tipo de composição, seu tipo de construção, seu tipo de complexidade artística, ela gerou um interesse grande do público. Porque a gente fazia uma mistura muito inusitada para a época. A Tropicália tentou fazer um pouquinho de uma redenção da Jovem Guarda. E lá pelos anos 80, o próprio Barão, Skank nos anos 90, muita gente já foi fazendo esse trabalho de relever, de rever a Jovem Guarda. Quando a Graforrêia começou a fazer isso em Porto Alegre, a Jovem Guarda era execrada. Todo mundo odiava a Jovem Guarda, era uma coisa brega, "de última", teclados cafonas, músicas horríveis. Então a Graforrêia, o que ela fez? Ela tinha influência da Jovem Guarda, mas tinha influência de muita coisa barulhenta daqueles anos 80, sei lá... Tinha influência de Rock n'Roll de um modo geral e tinha essa complexidade de querer buscar também uma melodia mais estranha, mais complexa tipo King Crimson, tipo Arrigo Barnabé (apud FRANK, 2011).

O estilo de Rock produzido e criado no Estado do Rio Grande do Sul, com uma batida alternativa e arranjos melódicos das bandas gaúchas, se valeram do cinema para tornarem-se conhecidas do grande público, tornando assim muitas vezes uma grande forma de divulgação. Com isso ela também ganhou características bem específicas, onde evidência lugares de Porto Alegre, como o Parque Farroupilha e a Osvaldo Aranha com uma batida roqueira, mas, com a letra contemplando a vida cotidiana do imaginário regional, cenário na qual é histórica e

simbolicamente a referência do homem do Rio Grande do Sul, o gaúcho mítico. Ou seja, são as "coisas da terra" que ganham importância em meio aos temas e histórias das letras, trazendo sempre a particularidade do local (KESKE; LEHNEN, 2012).

Falar sobre Rock Gaúcho se torna complexo, e muitas vezes não sai do lugar. Para alguns músicos locais, o termo Rock Gaúcho é um rótulo que os mesmos muitas vezes não o querem. E muito disso acontece pela falta de conhecimento mais profundo do termo. Simplesmente dizer que o termo Rock Gaúcho é autoexplicativo, referindo-se ao Rock produzido no Sul, é pouco. Ele transcende, pois é uma generalização, Rock por si só já é um gênero de uma amplitude vasta, e muitas vezes rotular algo assim tão específico pode se tornar um problema. É importante especificar mais, dialogar sobre isso. O Rock Gaúcho não pode ser desvinculado do Rock produzido em pelo menos mais dois países vizinhos, que são o Uruguai e a Argentina. Nossa maior proximidade geográfica com nossos vizinhos "*hermanos*" fez com que tivéssemos grande influência em diversos campos da nossa cultura, sendo um deles a musicalidade. Muito do que é praticado no Estado e intitulado Rock Gaúcho tem características sonoras, arranjos, letras e histórias muito semelhante ao Rock feito nesses dois países. Mas mesmo sendo um termo dado mais por uma questão midiática nos anos 80, ele ficou intrínseco aos jovens da época, tornando assim um nicho de mercado muito forte. Gerou o seu próprio público, mercado e uma forte carga ideológica que perpetua até os dias de hoje (AVILA; BASTOS; MÜLLER, 2001).

### 2.3 MÚSICA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A música pode ser definida como uma forma de arte que tem como material básico o som, conceito que permanece no nível de abstração, em que a música é um pressuposto dado (PENNA, 2008). Em outra visão com maior riqueza de significado, que demonstra um pouco da dimensão desta arte, música "é uma experiência humana. Não deriva das propriedades físicas do som como tais, mais sim da relação do homem com o som" (PENNA, 2008, p. 27 apud ARONOFF, 1974, p. 34).

Diversas pesquisas apontam a música como um dos elementos que contribui para a evolução do ser, favorecendo o desenvolvimento cognitivo-linguístico,

psicomotor e sócio afetivo no adolescente e principalmente na criança (ILIBIO; NEVES, 2015). Como também menciona RODRIGUES (2011, p. 7):

A música ajuda na ativação dos neurônios, promovendo desenvolvimento motor e social ao processo de aquisição da linguagem. A educadora afirma que está cientificamente comprovado que a música amplia as redes neurais, o que ajuda o desenvolvimento cognitivo (apud DRUMMON, 2010).

O aspecto cognitivo, assim como o físico e psicossocial integram o eu e são analisados pelos cientistas do desenvolvimento. O crescimento do corpo e do cérebro, as capacidades sensoriais, as habilidades motoras e a saúde, fazem parte do desenvolvimento físico. Aprendizagem, atenção, memória, linguagem, pensamento, raciocínio e criatividade compõem o cognitivo. Emoções, personalidade e relações sociais são aspectos do desenvolvimento psicossocial (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Conhecemos a música deste o início de nossas vidas. Com o pulsar de células se dividindo dentro do corpo da mãe, o novo ser é apresentado ao aspecto mais fundamental e universal desta: o ritmo. Mulheres grávidas relatam um aumento de movimento do feto em resposta aos sons, especialmente à música. Antes mesmo do nascimento, o cérebro humano já é capaz de algum tipo de aprendizagem, inclusive respeitando sons da voz humana, e ao nascer, já possui estruturas mentais que precisam de estímulos para o desenvolvimento (BRÉSCIA, 2011).

Ouvir música contribui para o desenvolvimento dos bebês e das crianças porque a harmonia dos sons estimula a audição e a fala, conseqüentemente influencia outros aspectos do desenvolvimento. Podendo citar como alguns dos benefícios desse estímulo musical: a maior facilidade para falar as palavras corretamente; maior destreza no aprendizado das sílabas e do alfabeto; facilidade no aprendizado da matemática e de línguas estrangeiras; melhora o desenvolvimento afetivo e a coordenação motora (BELTRAME, 2016).

Considerada em todos os seus processos ativos (a audição, o canto, a dança, a percussão corporal e instrumental, a criação melódica) a música globaliza naturalmente os diversos aspectos a serem ativados no desenvolvimento da criança. Do mesmo modo, as brincadeiras musicais contribuem para reforçar todas as áreas do desenvolvimento infantil, representando um inestimável benefício para a



formação e equilíbrio da personalidade da criança e do adolescente (FERREIRA, 2002).

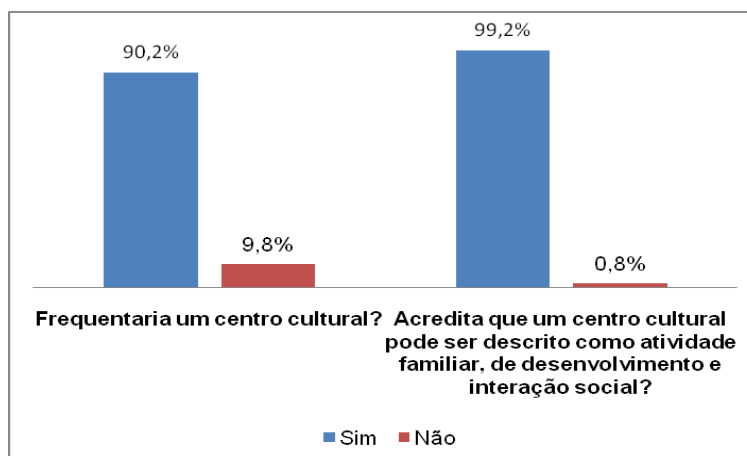
A musicalização é um processo de construção do conhecimento, que tem como objetivo despertar e desenvolver o gosto musical, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, autodisciplina, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação. As atividades de musicalização permitem que a criança conheça melhor a si mesma, desenvolvendo sua noção de esquema corporal, e também permitem a comunicação com o outro. Já os adolescentes utilizam da música como forma de expressar ou substituir a tão famosa rebeldia, uma característica da idade. Os ganhos que a prática musical nesta fase proporciona, seja pela disciplina, pelo desenvolvimento do raciocínio, são valiosíssimos e são para vida toda (BRÉSCIA, 2011).

## 2.4 JUSTIFICATIVA

O tema desta pesquisa é um centro cultural com enfoque no Rock Gaúcho. Este é um espaço que promove a aproximação de pessoas com características distintas. Seu objetivo é produzir, elaborar e disseminar práticas culturais e bens simbólicos, obtendo o status de local privilegiado para práticas informacionais que dão subsídios às ações culturais. Ambiente que irá servir como ponto de encontro, pois além das programadas apresentações e exposições, será planejado para receber seus usuários. Um espaço para se fazer cultura viva, por meio da arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico (NEVES, 2013).

Conforme questionário aplicado em redes sociais de forma aberta, 90,2% das pessoas frequentariam um centro cultural. Do mesmo modo, 99,2% afirmam que um centro cultural pode ser descrito como atividade familiar, de desenvolvimento e interação social (Gráfico 1). O que justificaria a criação de um centro cultural para fomentar a interação entre as pessoas e o destaque a cultura musical local.

Gráfico 1- análise %



Fonte: Autor (2016).

O Rock transcende um estilo musical, relaciona-se com atitude, e nesse ponto que evidenciamos a importância da pessoa. Pois elas são responsáveis pela propagação deste estado de espírito, o qual necessita do diálogo e interação. Quesitos que são obtidos através de bares; revistas; e lojas, todos acoplados no centro cultural, um local de união (CAMPOS, 2011).

Ter um local dedicado ao rock faz com que Porto Alegre, tendo em seu DNA uma veia roqueira muito forte, mantenha a perpetuação do gênero, mesmo que para muitos críticos como Foster<sup>4</sup> (2016), o Rock esteja em decadência, ninguém mais ouve rock, virou coisa de velho careta. E isso só é novidade para os gaúchos. A notícia não é que o rock está sumindo em Porto Alegre, mas que só agora o rock está sumindo em Porto Alegre (apud MIRANDA).

O Rock Gaúcho teve seu maior destaque na mídia em geral nos anos 80/ 90. Sendo que no início dos anos 2000, o mesmo acabou saindo um pouco de cena, fato que levou muitos a pensarem que o estilo estava em decadência, destinado a extinção. Porém, com o surgimento da internet e selos independentes, as bandas de rock gaúcho saíram do *mainstream* para se tornarem protagonistas novamente no *underground*, voltando as suas origens. Deste modo, a criação do centro cultural proporcionara também perpetuação do Rock Gaúcho, a sua existência e ideologias, para que este gênero musical não se dissolva (FOSTER, 2016).

A cidade de Porto Alegre é dita como “berço do Rock Gaúcho”, uma vez que abrigou os primeiros movimentos deste gênero. Além disso, esta possui uma

<sup>4</sup> Foster jornalista e produtor musical gaúcho radicado em São Paulo.

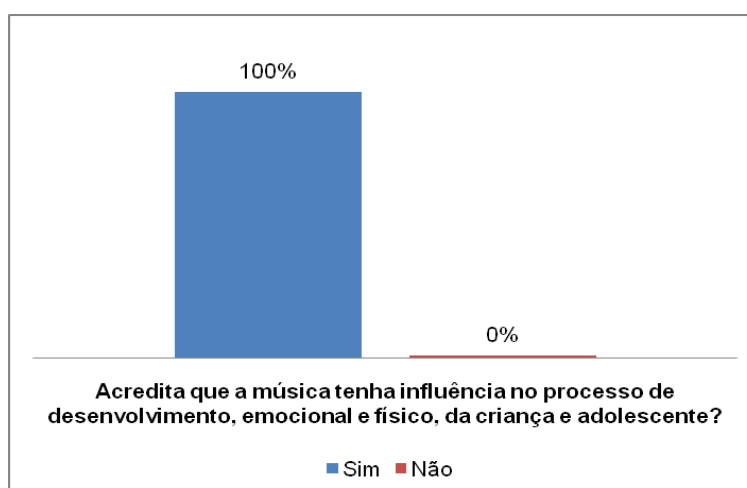
abertura para cultura e miscigenação de públicos, e já abriga diversos centros culturais, museus, memoriais, casa de apresentações, disponibilizando espaço para criação de um centro cultural de música (BORBA, 1996).

No turismo cultural, a memória e a identidade são extremamente importantes para o desenvolvimento do segmento, que vem crescendo a cada década devido às exigências dos padrões do turismo. A memória histórica constitui um fator de identificação humana, pode ser dita como a marca ou sinal de uma cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima (BATISTA 2005).

## 2.5 PÚBLICO ALVO

A proposta é que o centro cultural abra portas para qualquer interessado a usar e usufruir de seu espaço. Inicialmente o interesse maior está concentrado nos apreciadores do rock e de música em geral, para que possam compartilhar suas histórias e vivenciar tantas outras. O projeto contará também com um espaço de salas de ensino musical, destinado para crianças, auxiliando deste modo no desenvolvimento cognitivo, motor e demais benefícios que a música pode agregar ao desenvolvimento infantil e contribuindo para o desenvolvimento do legado musical do Rock Gaúcho no estado. Em questionário realizado 100% das pessoas acreditam que a música tenha influência no processo de desenvolvimento emocional e físico, da criança e adolescente (Gráfico 2).

**Gráfico 2 – análise %.**

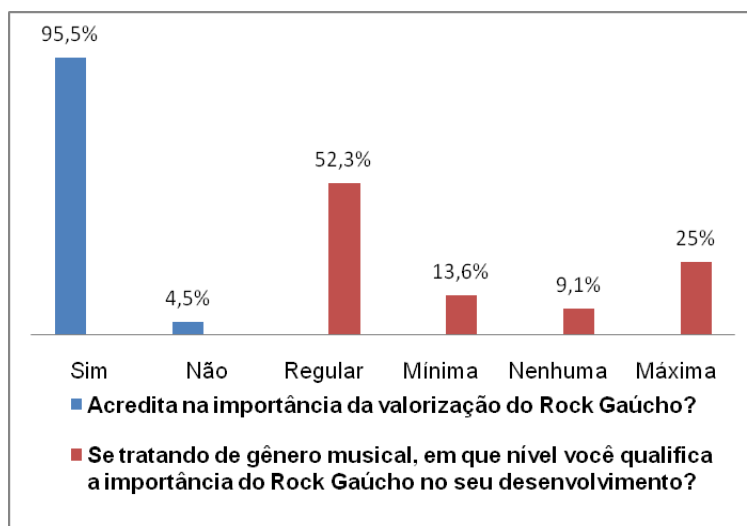


**Fonte: Autor (2016).**

O centro cultural baseia-se nas diretrizes do rock: a liberdade de expressão e abertura ao diálogo, indiferente de gênero, crédulo ou etnia. Desse modo, a pretensão é acolher todas as culturas e interessados em aprender um pouco mais sobre este aspecto da cultura regional. Motivo que leva ao interesse de manter o local aberto em diversos horários do dia, facilitando assim sua visitação.

Por todos os aspectos listados acima é também sua proposta estimular o turismo, complementando a rota cultural já existente na cidade. Beneficiando não só a sociedade com um centro destinado a preservação de um aspecto da cultura regional, mais também o cenário no entorno. Ampliação no fluxo de pessoas na orla do Guaíba e conseqüentemente, nos comércios ali presentes. Conforme questionário realizado, verifica-se que mesmo que apenas 25% das pessoas, se tratando de gênero musical, tenham tido uma importância máxima com relação da influência direta do Rock Gaúcho em seu desenvolvimento, 95,5% acreditam na importância da valorização do Rock Gaúcho como cultura local e musicalidade (Gráfico 3). Mostrando que não apenas os amantes do gênero empregam o devido valor e frequentariam o local.

**Gráfico 3 – análise %.**



**Fonte: Autor (2016).**

### 3 MÉTODO DE PESQUISA

Conforme Prodanov; Freitas (2013) o método científico é um processo que almeja um determinado fim e possui como finalidade a busca do conhecimento. Deste modo, para embasar esta pesquisa de projeto final de graduação, foram utilizados dois métodos científicos, necessário para elaboração de um conteúdo teórico consistente e assim um projeto arquitetônico prático e de utilidade social.

Estes dois métodos escolhidos, pesquisa bibliográfica e a abordagem quantitativa, possuem como função abordar o tema, demonstrar sua consistência e justificar, deste modo, sua existência e aplicação. Tais processos possibilitaram um conhecimento mais amplo sobre o fenômeno estudado, criando assim um alicerce de apoio para a concretização desta pesquisa.

#### 3.1 PESQUISA BIBLIOGRAFICA

Esta pesquisa consiste na leitura bibliográfica de artigos, livros e reportagens, relacionados ao tema proposto, o que facilita a compreensão da história, características e influências no desenvolvimento infantil, do tema Rock Gaúcho. Assim como o acesso a sites governamentais, que possibilitaram verificar as influências no âmbito social, cultural e econômico que este centro cultural poderia gerar deste modo, o conceito de projeto.

Com o tema justificado, foi possível transcrevê-lo em um projeto arquitetônico, que foi relacionado com outras obras de relevância a fim de encontrar similares nas relações de espaço, forma, diretrizes e conceitos fazendo com que seu desenvolvimento e desempenho. O plano diretor de Porto Alegre possibilitou verificar as normas e regimes urbanísticos da cidade, que regem as edificações e espaços urbanos ali implantados. Configurando, desta maneira, a estrutura e formas do projeto proposto.

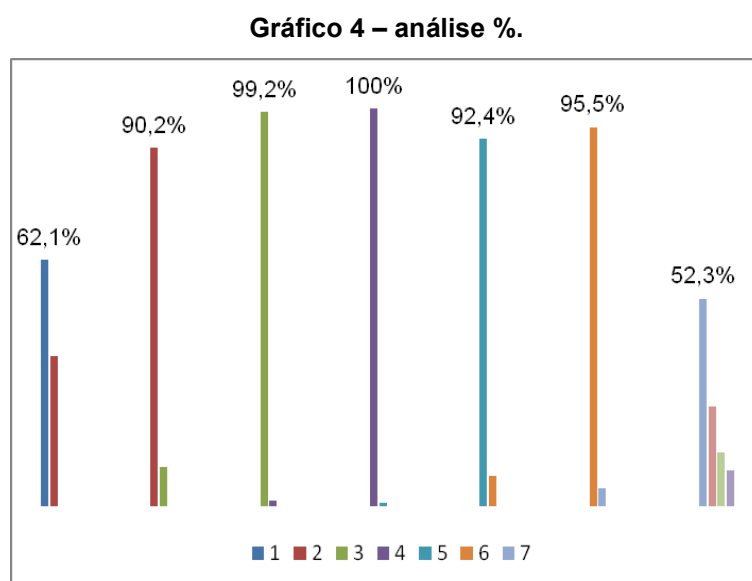
#### 3.2 ABORDAGEM QUANTITATIVA

Para esta abordagem quantitativa, foi realizado um questionário, que possui como objetivo levantar dados para compreender as opiniões dos cidadãos da região, podendo assim, direcionar este projeto de acordo com a realidade. Com o fim de

possibilitar também a justificativa para o seu desenvolvimento e as suas reais atribuições para a sociedade.

Foi realizado através de uma enquete, com um total de 11 (onze) questões, disponibilizadas em uma rede social para os cidadãos da região, que tenham acesso ao local de sua implantação, a cidade de Porto Alegre. O questionário conta com questões a respeito do projeto arquitetônico, o centro cultural, sua localização e finalidade e sobre o tema central deste, o Rock Gaúcho, levantando tópicos sobre sua importância e influência. Dados que possibilitam o desenvolvimento desta pesquisa de projeto final de graduação.

O questionário foi respondido por 132 pessoas, de diferentes idades, gênero e diferentes localizações. Abaixo, segue o resultado dos itens com maior porcentagem:



Fonte: Autor (2016).

- 62,1% confirmaram que costumam ir a Porto Alegre nos momentos de lazer e/ou descanso;
- 90,2% afirmaram que frequentaria um centro cultural;
- 99,2% acreditam que um centro cultural pode ser descrito como atividade familiar, de desenvolvimento e interação social;
- 100% acreditam que a música tenha influência no processo de desenvolvimento, emocional e físico, da criança e adolescente;
- 92,4 afirmaram conhecer o Rock Gaúcho;

- 95,5% acreditam na importância da valorização do Rock Gaúcho; e
- 52,3% afirmaram que o Rock Gaúcho possui uma importância regular no seu desenvolvimento, influenciando em alguns momentos.

### 3.3 ESTUDO DE CASO

O estudo de caso consiste em uma observação presencial diferente das análises feitas de forma teórica sobre os referenciais Análogos e Formais, e para isso foram considerados dois locais de visita e estudo sendo os mesmos a Casa de Cultura Mario Quintana e Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues.

#### 3.3.1 Casa de Cultura Mario Quintana

A Casa de Cultura Mario Quintana (Figura 1), localizada na cidade de Porto Alegre, teve sua história iniciada em julho de 1980 quando foi comprada pelo Banco Banrisul e posteriormente em 1982 arrolada como patrimônio histórico da cidade e comprada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul passando a fazer parte da subsecretaria da Cultura do Estado. A mesma foi selecionada como estudo de caso por se tratar de um espaço voltado para atividades culturais tais como artes cênicas, artes plásticas, a música, o cinema, a dança, o teatro, a literatura, e espaços de convívio para o público frequentador (CCMQ,2017).

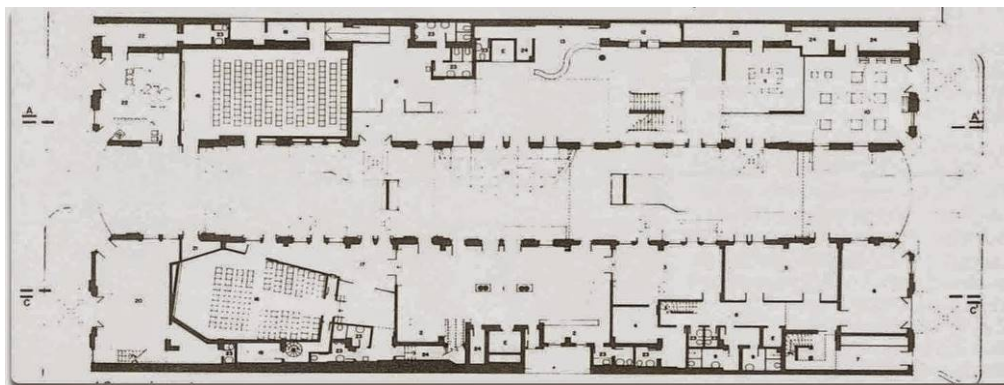
**Figura 1 – Casa de Cultura Mario Quintana (CCQM).**



**Fonte: Autor (2017).**

A visita ao local foi realizada no dia 12 de fevereiro de 2017, e com isso foi possível compreender a disposição dos espaços, fluxos e suas funcionalidades dentro da sua área de 12.000m<sup>2</sup> (CCMQ, 2017) distribuídos ao longo dos seus 7 pavimentos. É importante considerar que a edificação é base de um reaproveitamento do antigo Hotel Majestic, e isso faz com que a demanda de certos fluxos e divisões sejam intrínsecas a sua pré-existência sem ter havido uma modificação drástica na edificação. A mesma é dividida ao meio pela Travessa dos Cataventos, sendo essa uma via peatonal e de acesso ao térreo da edificação, deixando-a assim com duas alas distintas, a Ala Oeste e a Ala Leste (Figura 2).

**Figura 2 – CCMQ: Planta Baixa Alas Oeste e Leste.**



**Fonte: Kifer; Goski (2014).**

As duas alas são interligadas apenas por passarelas nos andares superiores. Estas passarelas não são apenas utilizadas como passagem, pois as mesmas proporcionam um local com visuais privilegiadas e também um espaço de estar de bom grado ao público (Figura 3), as mesmas também servem como um grande Hall para cada pavimento onde o usuário chega no pavimento e indiferente em qual das duas alas ele acesse terá um hall interno de distribuição de fluxo e também a passarela servindo de estar de transição entre as duas alas.



**Figura 3 – CCQM: Vista das passarelas.**



**Fonte: Autor (2017).**

No pavimento Térreo ficam localizados os espaços de informações nas duas alas para orientar o fluxo dos usuários também contém loja e um breve Memorial contando a história do escritor Mario Quintana e também do Hotel Majestic (Figura 4), trazendo um contexto histórico importante para o local.

**Figura 4 – CCQM: Memorial e loja.**



**Fonte: Autor (2017).**

Hoje a Casa de Cultura Mario Quintana abriga diversos espaços culturais, tais como o Museu da Arte contemporânea, a Biblioteca Érico Veríssimo, a Discoteca publica, o teatro Bruno Keafer, a Biblioteca Lucila do Amaral, diversas salas de usos mistos para artes em gerais, exposições e todos os usos artísticos, trazendo uma miscigenação de público, mas todos com viés artístico e cultural. No 5º andar fica

localizado o Jardim José Lutzenberger (Figura 5), que é um espaço ao ar livre com muito verde de uso misto para que seja um local de tranquilidade e integração.

**Figura 5 – Jardim José Lutzenberger.**



**Fonte: Autor (2017).**

Outro local de integração é o Café Santo da Casa que se encontra no último pavimento da edificação, com um espaço fechado e aconchegante e também um espaço aberto apenas coberto pela cúpula com uma vista privilegiada de parte do centro histórico de Porto Alegre e do Lago Guaíba (Figura 6), proporcionando ao usuário um encerramento da visita com chave de ouro.

**Figura 6 – CCQM: Café.**



**Fonte: Autor (2017).**

Por fim, fica visível a importância dos espaços de conexões como um agente de interação tornado os ambientes internos das salas um local mais reservado, deixando a interação para os espaços abertos e corredores.

### 3.3.2 Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues

O Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues (Figura 7), localizado na cidade de Porto Alegre, no bairro Menino Deus teve sua inauguração no ano de 1978 e nasceu da ideia do governo Federal através da implantação do Projeto Renascença, que buscava recuperar áreas deterioradas nas regiões centrais das capitais. Deste investimento surgiu o espaço que foi idealizado como uma Escola de criatividade que abriga hoje o Atelier Livre, a Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães, a Sala Álvaro Moreyra, o Teatro Renascença, as coordenações de Dança, Artes e Literatura além de um Salão de exposições (PMPA, 2017)

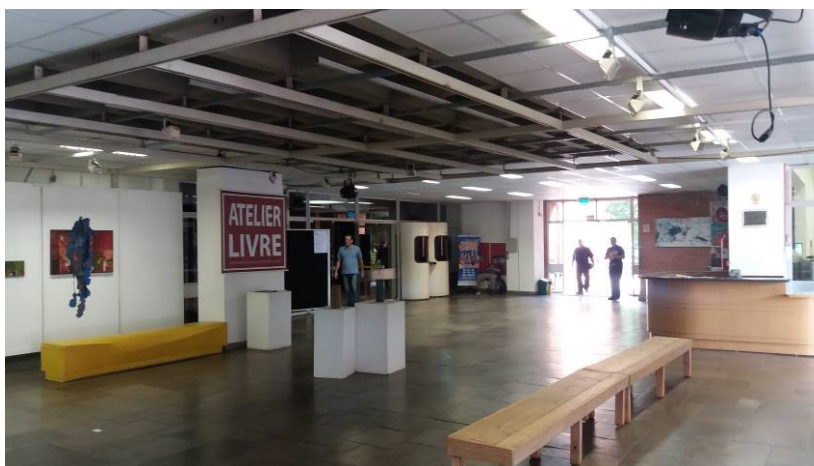
**Figura 7 – Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues (CMC).**



**Fonte: Autor (2017).**

A análise com um estudo de caso se ateve ao fato do complexo se tratar de um espaço multicultural voltado para as Artes com diversas formas de expressão. Em visita técnica realizada no dia 17 abril de 2017, foi observado que ao acessar o Centro Municipal de Cultura Lupicínio Rodrigues pela sua entrada principal ou seu acesso pelo estacionamento os dois te direcionam para o salão de exposição (Figura 8) que também é utilizado como Hall de acesso.

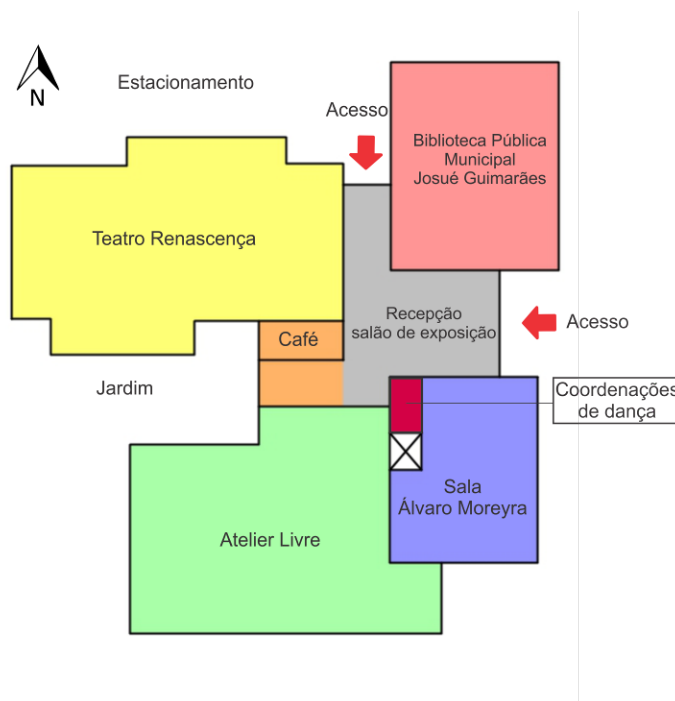
**Figura 8 – CMC: Salão de Exposição/ Hall de entrada.**



Fonte: Autor (2017).

Foi possível verificar através da distribuição de planta baixa da edificação (Figura 9) que o Hall de entrada serve além de um espaço de exposição também como um direcionador de fluxo para os usuários, levando as pessoas aos seus destinos, que torna o espaço de grande importância para a interação dos fluxos, pois todo o programa de necessidades gira em seu entorno.

**Figura 9 – CMC: Planta baixa esquemática.**



Fonte: Autor (2017).

O espaço do Atelier Livre é voltado produção, criação, reflexão e experimentação de artes plásticas, com cursos práticos (PMPA,2017).

A distribuição do programa de necessidades é feita em dois pavimentos, sendo que no pavimento inferior encontra-se a Secretária, copa, uma biblioteca específica do Atelier Livre, e salas de aula como Cerâmica, Escultura, Escultura em metal e litografia. No andar superior fica localizado a Sala dos professores, um pequeno espaço de palestras, depósitos, e salas de aula de desenho e de pintura. As salas de aulas são amplas e com ótima entrada de iluminação externa tornando o espaço criativo mais agradável também por seus visuais (Figura 10).

**Figura 10 – CMC: Sala de escultura.**



**Fonte: Autor (2017).**

Logo ao acessar o espaço do Atelier Livre, a escada de acesso aos pavimentos se torna um direcionar de fluxo para o usuário, que no pequeno hall de acesso antes da escada pode vislumbrar os dois pavimentos e decidir por onde se dirigir (Figura 11).

**Figura 11 - CMC: Escada.**



**Fonte: Autor (2017).**

No andar inferior, junto a recepção há um jardim de inverno que torna o espaço de espera agradável, com boa iluminação externa e fluxo de ventilação que traz para o espaço um caráter de interação e estar entre os usuários (Figura 12).

**Figura 12 – CMC: Estar/recepção.**



**Fonte: Autor (2017).**

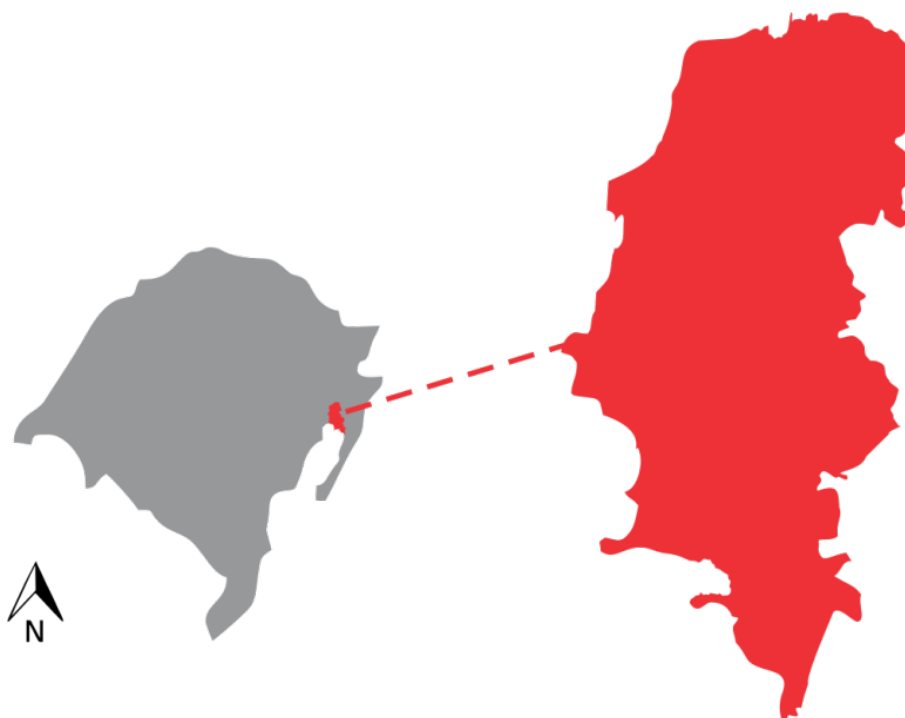
## 4 ÁREA DE INTERVENÇÃO

### 4.1 PORTO ALEGRE: O BERÇO DO ROCK GAÚCHO

#### 4.1.1 Contexto histórico

Porto Alegre fica localizada no Estado do Rio Grande do Sul (Figura 13), extremo Sul do Brasil, nasceu de uma pequena colônia de açorianos que se estabeleceram na região por volta de 1752. Abrigando imigrantes de todo o mundo, nos séculos seguintes (PMPA, 2017).

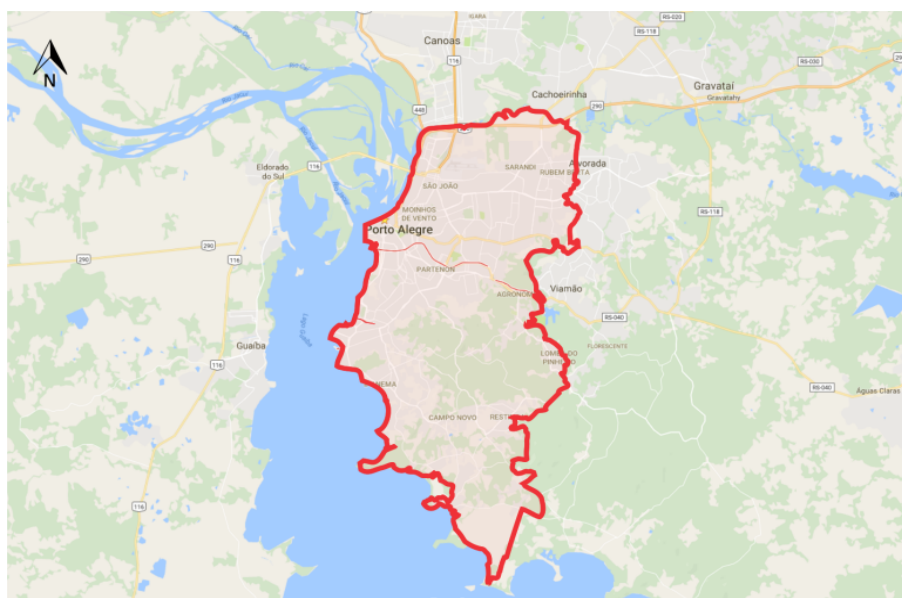
Figura 13 - Localização do município de Porto Alegre.



Fonte: Autor (2017).

Conforme IBGE (2017), possui, atualmente, uma população estimada em 1.481.019 de habitantes, em uma área territorial de 496,682 km<sup>2</sup>, tendo como municípios limítrofes as cidades de Viamão, Alvorada, Canoas, Eldorado do Sul e o Lago Guaíba (Figura 14).

**Figura 14 - Localização do município de Porto Alegre.**



— Limites do município de Porto Alegre.

**Fonte: Adaptada pelo Autor (Google Maps, 2017).**

A cidade de Porto Alegre possui como data oficial de fundação 26 de março de 1772. Porém, o povoamento aconteceu cerca de 20 anos antes com a chegada de 60 casais portugueses que se instalaram no então chamado Porto de Viamão, primeira denominação de Porto Alegre. Em 24 de Julho de 1973, Porto Alegre se tornou a capital do estado, com a instalação oficial do governo José Marcelino de Figueiredo e a partir de 1824 passou a receber imigrantes de todo o mundo como alemães, italianos, espanhóis, africanos, poloneses, judeus e libaneses que torna o gaúcho uma figura histórica dotada de bravura e espírito guerreiro. Esta mescla de culturas, etnias, religiões, idiomas faz de Porto Alegre, uma cidade cosmopolita, multicultural sendo uma demonstração bem-sucedida de diversidade e pluralidade cultural (PMPA,2017).

#### **4.1.2 Contexto cultural**

Diferente das conhecidas paisagens tropicais brasileiras banhadas por sol e mar, Porto Alegre faz da cultura, do mundo das artes e do entretenimento a sua praia. A cidade produz e consome teatro, música, literatura, cinema e artes plásticas e visuais o ano inteiro, numa agenda de eventos e atrações que se distribui em muitos endereços. A cidade possui 13 centros culturais, 50 museus e memoriais,



mais de 30 teatros e 64 salas de cinema, o maior número por habitante no país. Sem contar as casas de espetáculos inseridas na rota de shows nacionais e internacionais (PMPA, 2016).

O centro histórico de Porto Alegre localiza-se em uma península à beira do Rio Guaíba tendo, a partir deste ponto, iniciada a propagação da urbanização da cidade. Esta região central da cidade tem caráter heterogêneo, em que o principal atrativo é a diversidade cultural, dispondo dos mais variados serviços de comércio e entretenimento, com destaque para as atividades histórico-culturais. Um passeio pelas ruas permite reconstruir a história de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, uma vez que ali se concentra aproximadamente 80% dos marcos históricos, sendo 50 prédios tombados (SILVA, 2010).

A cidade de Porto Alegre, além de contemplar esse centro cultural, é referenciada por outros aspectos, como sua relação com a música, características que a referenciam como berço do Rock Gaúcho. Em 1978 foi gravado em Porto Alegre, na ISAEC, o disco que é um marco na música urbana do RS: Paralelo 30. Este apresenta as primeiras gravações em vinil de Bebeto Alves, Carlinhos Hartlieb, Raul Ellwanger, Nelson Coelho de Castro, Nando D'ávila e Cláudio Vera Cruz (BORBA, 1996).

Calcada em uma cena musical bancada por um público sedento organizada em coletânea como Rock Garagem (1984) e Rock Grande do Sul (1985), divulgada por rádios como a Ipanema FM e, principalmente, vivida em bares como Ocidente e Garagem Hermética, essa efervescência criativa fez com que Porto Alegre se tornasse uma das capitais brasileiras do Rock'n' Roll (FOSTER, 2016).

Na capital gaúcha formam-se as primeiras bandas de Rock do estado, naturais dela ou egressos de outros municípios, mas, foi em meio aos bares de Porto Alegre que se deu a explosão do estilo (KESKE; LEHNEN, 2012).

#### **4.1.3 O lote**

O lote fica localizado no bairro Centro Histórico (Figura 15), sendo este o mais antigo da capital gaúcha. A sua fundação se confunde com o da própria cidade, por ser um local em que imigrantes desembarcaram e iniciaram a colonização. Inicialmente era conhecida apenas como centro, mas em 1959 através da Lei 2.022 foi renomeado oficialmente como Centro Histórico. Atualmente possui uma

população de aproximadamente 39 mil habitantes, uma área de 228 hectares e estabelece divisa com os bairros Praia de Belas, Cidade Baixa, Bom Fim, floresta e com o Lago Guaíba (PMPA, 2017).

**Figura 15 - Localização do bairro Centro Histórico.**



**Fonte: Adaptado pelo autor (Google Maps, 2017).**

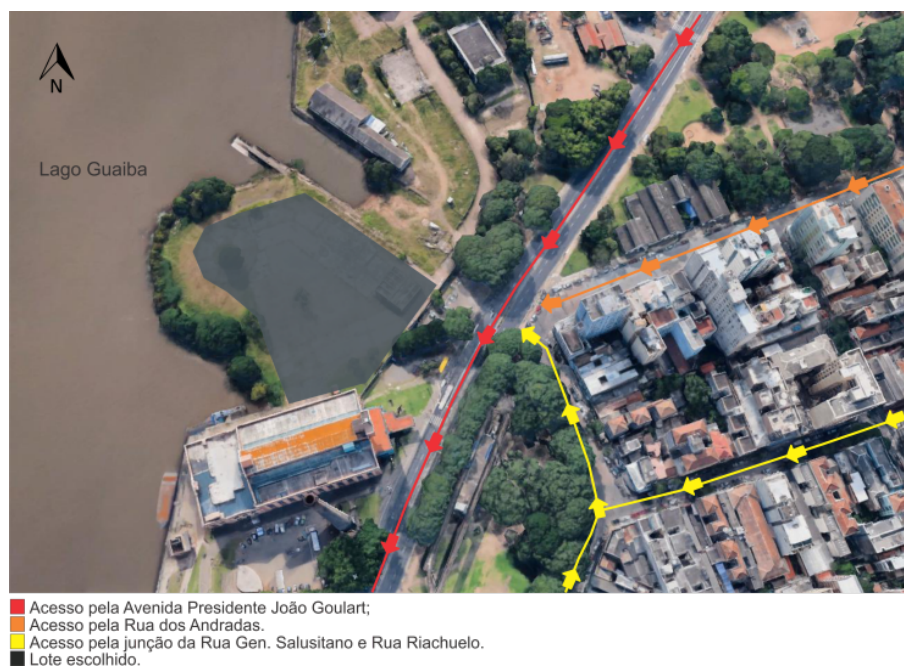
O lote tem sua testada de acesso principal para o Sudeste na Avenida Presidente João Goulart, testada Nordeste para a divisa com o lote do Cais do Porto, ao Oeste a testada do lote faz divisa com o lago Guaíba e a testada Sul faz divisa com o lote da Usina do Gasômetro (Figura 16).

**Figura 16 - Limites do Lote.**

**Fonte: Adaptado pelo autor (Google Earth, 2017).**

A principal via de acesso ao lote é pela Avenida Presidente João Goulart, sendo esta uma via de alto fluxo de veículos, mão dupla, canteiro central, faixas de segurança e com transporte público em frente ao lote, tornando a chegada a esse facilitada. A Rua dos Andradas, como mostra na figura abaixo, também redireciona o fluxo para o lote, mesmo que não possua um acesso direto torna-se uma das principais vertentes de fluxo para o lote, e sua importância cultural e histórica como rota auxilia a chegada, outra via de menos fluxo, mas, que também auxilia no fluxo é a junção da Rua Gen. Salusitano e a Rua Riachuelo (Figura 17).

**Figura 17 - Fluxos e Vias.**

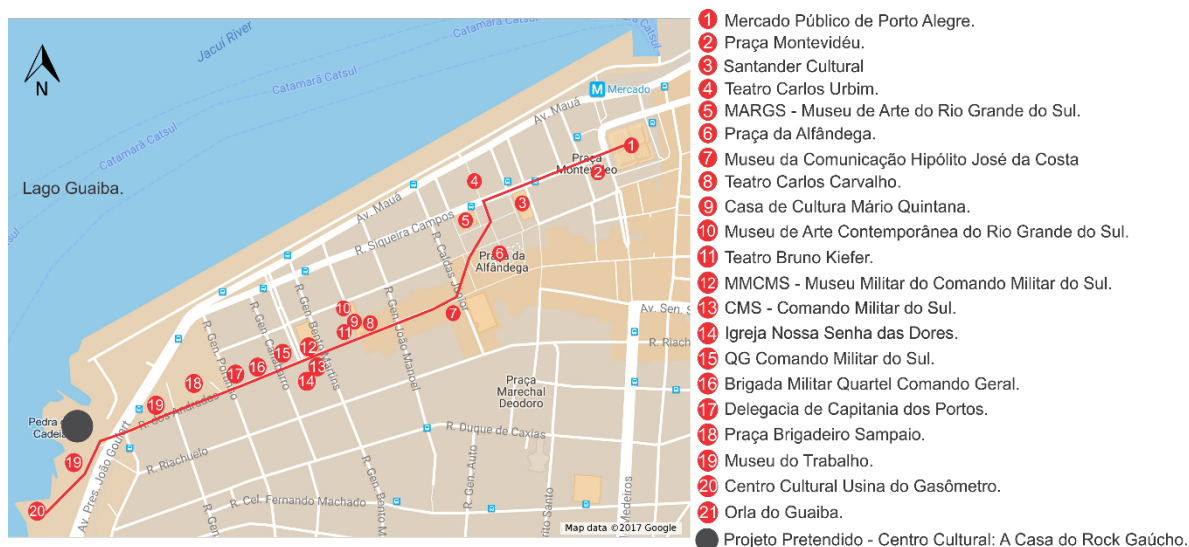


**Fonte: Adaptado pelo autor (Google Earth, 2017).**

#### **4.1.4 Justificativa para a escolha do lote**

A escolha do lote parte da necessidade de encontrar um local que além de cunho histórico com a cidade, tenha demasiada influência cultural, pois se trata de um projeto que busca retratar um teor histórico para o Estado, e por consequência para Porto Alegre.

A premissa da escolha do lote, se obteve após a identificação e caracterização do eixo cultural de Porto Alegre, que localiza se, em grande parte, na rua dos Andradas que por sua vez é a via mais antiga de Porto Alegre tornando-a junto com seus arredores um local de grande concentração de espaços voltados para a cultura de uma forma geral, e gera um corredor cultural desde o Mercado Público de Porto Alegre se estendendo até a Orla do Lago Guaíba, passando pelo Santander Cultural, MARGS - Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Casa de Cultura Mario Quintana, Museu Militar do Comando Militar do Sul, Igreja Nossa senhora das Dores, Centro Cultural Usina do Gasômetro entre outros pontos de referencias para o bairro Centro Histórico. Desta forma, cria um roteiro cultural que se utiliza da Rua dos Andradas como um verdadeiro corredor cultural (Figura 18).

**Figura 18 - Corredor Cultural.**

**Fonte: Adaptado pelo autor (Google Maps, 2017).**

O lote se encontra na Avenida Presidente João Goulart, mas, para quem o acessa através da Rua dos Andradas a testada do lote fica com uma visual completa e plena como um convite ao local (Figura 19), que torna o Centro Cultural: A casa do Rock Gaúcho uma finalização para o fluxo do eixo cultural de visitação da cidade.

**Figura 19 - Visual frontal do lote.**

**Fonte: Autor (2017).**

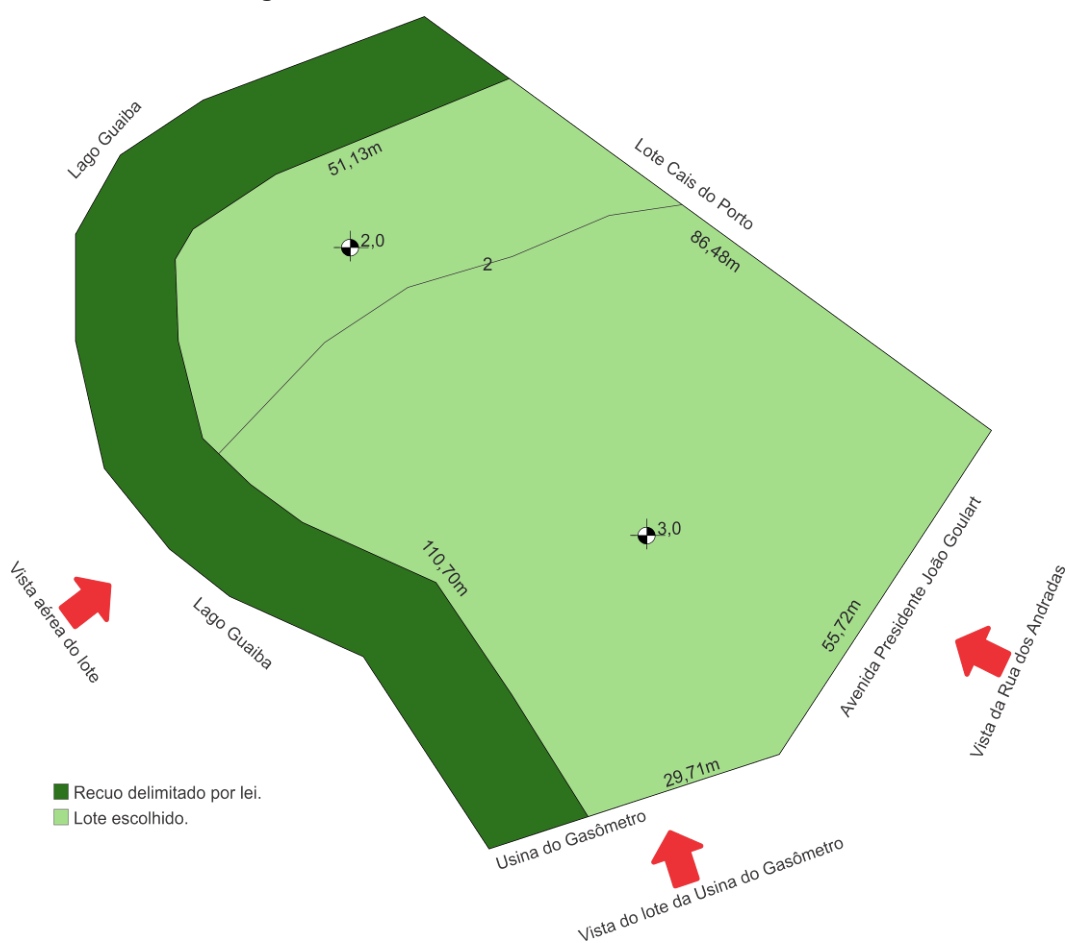
Como o objetivo do projeto é agregar ao centro cultural não apenas história, mas, também ser um ambiente para integração entre as pessoas e a música, que gera um fluxo e movimento diário, com essa mescla de público que percorre o eixo

cultural e também as que apreciam a manifestações artísticas, esportes e contemplação ao ar livre. Existindo ao lado a usina do gasômetro um verdadeiro centro artístico, e toda a orla do lago Guaíba, que torna o projeto um centro cultural para diversos públicos, mesmo existindo um cunho mais musical, ele pode ser utilizado de diversas formas e por diversos públicos, e com isso trazer movimento e vida ao espaço em tempo integral.

#### 4.1.5 Características e dimensões do lote

O lote tem um total de área de 7121m<sup>2</sup>, com as seguintes medidas em suas testadas: na fachada Sudeste 55,72m, na divisa Noroeste 86,48, na fachada Oeste 51,13/Sudeste 110,70m e na divisa Sul 29,71 (Figura 20). Junto ao Lago Guaíba foi feito um recuo de APP de 15 metros para respeitar as normas legais para preservação da vegetação.

Figura 20 - Características e dimensões do lote.



Fonte: Autor (2017).

A topografia do lote se caracteriza por ser plana pois o mesmo sendo fina ao lado do Lago Guaíba, e por já ter sido modificada e edificado no passado não apresenta curvas de níveis se mantendo em uma mesma cota de nível.

**Figura 21 - Vista aérea do lote.**



**Fonte: Google Maps (2017).**

**Figura 22 - Vista do lote da Usina do Gasômetro.**



**Fonte: Google Maps (2017).**

**Figura 23 – Vista da Rua dos Andradas.**

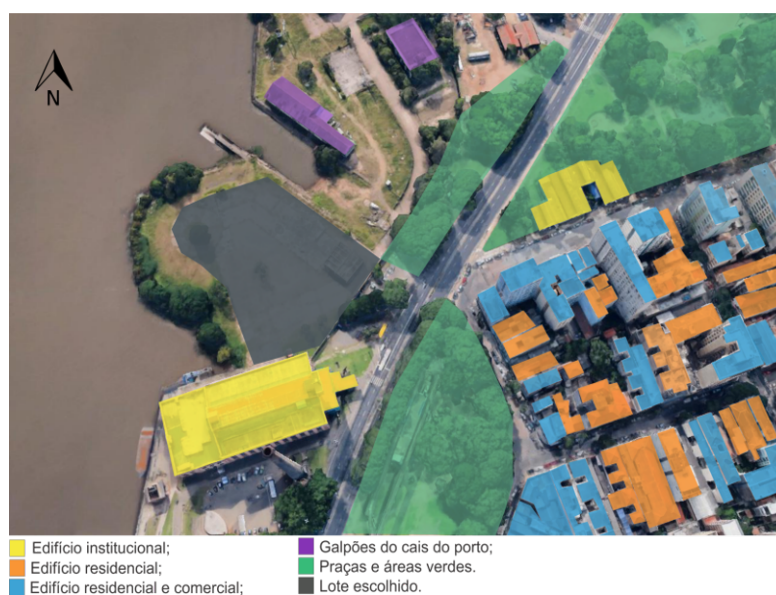


Fonte: Google Maps (2017).

#### 4.1.6 Análise do entorno

O entorno do lote é formado basicamente por edifícios que mesclam usos institucionais ou de usos residenciais e comerciais. No lado Sul do lote fica localizada a Usina do Gasômetro, espaço de grande volume e um marco histórico do local, na testada Nordeste encontram-se galpões de pouco ou nenhum uso do cais do porto, nas fachadas Oeste e Sudoeste fica localizado o lago Guaíba e na fachada Sudeste ficam diversos prédios com seus usos mais residenciais e comerciais mistos, praças e edificações institucionais (Figura 24).

**Figura 24 - Análise de uso do entorno.**



Fonte: Adaptado pelo autor (Google Earth, 2017).



As alturas do entorno do lote ficam entre 12 à 20 metros, com poucas edificações ficando abaixo ou acima disso (Figura 25). Estes índices mais verticalizados se dão por se tratar de uma zona mais densificada de edifícios residenciais com comércio no seu pavimento térreo. Porém, considerando apenas os edifícios e/ou terrenos de divisa com o lote no lado Nordeste, praticamente não possuímos edificação e as existentes são de baixa altura, e do lado Sul possuímos uma grande massa edificada que é a usina do gasômetro.

**Figura 25 - Análise de alturas do entorno.**

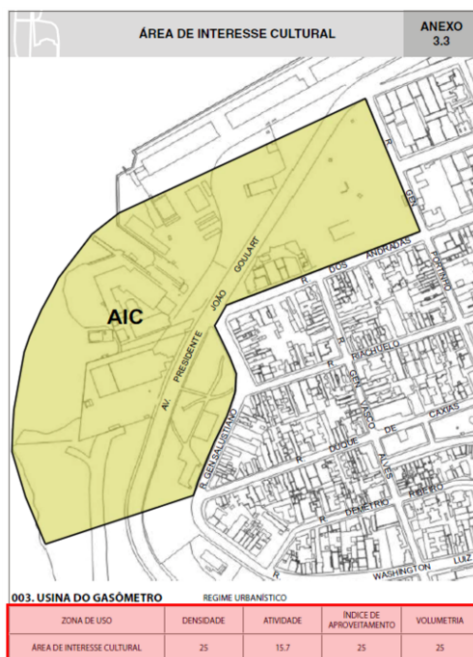


**Fonte: Adaptado pelo autor (Google Earth, 2017).**

#### **4.1.7 Análise do plano diretor (legislação vigente e regime urbanístico)**

Conforme figura 26, a classificação de análise do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (PDDUA) de Porto Alegre, o lote escolhido para o Centro Cultural: A Casa do Rock Gaúcho, fica localizado dentro da Área de Interesse Social.

Figura 26 - Análise do plano diretor.



Fonte: Adaptado pelo autor (PDDUA Porto Alegre, 2017).

A Zona de uso para tal local fica definida como Área de Interesse Cultural Mista 03 (Figura 27) e sua Densidade Bruta (Figura 28), seus Índices de Aproveitamento (Figura 29) e seu Regime Volumétrico (Figura 30) ficam todos caracterizados pelo plano diretor como Regime urbanístico próprio, com exceção do Limite máximo no Índice de aproveitamento que se limita a 2,5, as demais diretrizes para a execução neste lote fazem com o projeto necessite de avaliação dos Órgãos responsáveis para verificação e liberação do mesmo.

**Figura 27 - Zona de Uso.**

|      |   |
|------|---|
| 15.1 | Área de Interesse Cultural – Área Predominantemente Residencial |
| 15.3 | Área de Interesse Cultural – Mista 01                           |
| 15.5 | Área de Interesse Cultural – Mista 02                           |
| 15.7 | Área de Interesse Cultural – Mista 03                           |
| 15.9 | Área de Interesse Cultural – Parque Urbano                      |
| 16.1 | Área de Ambiência Cultural – Área Predominantemente Residencial |
| 16.3 | Área de Ambiência Cultural – Mista 01                           |
| 16.5 | Área de Ambiência Cultural – Mista 02                           |
| 16.7 | Área de Ambiência Cultural – Mista 03                           |
| 16.9 | Área de Ambiência Cultural – Mista 04                           |
| 17   | Área de Interesse Institucional                                 |
| 19.1 | Proteção do Ambiente Natural                                    |
| 19.2 | Parque Natural  |
| 19.3 | Reserva Biológica   |

**Fonte: Adaptado pelo autor (PDDUA Porto Alegre, 2017).**

**Figura 28 - Densidade Bruta.**

|                  |           |   |                             |     |     |    |     |     |
|------------------|-----------|---|-----------------------------|-----|-----|----|-----|-----|
| <b>INTENSIVA</b> | <b>13</b> | Corredor de Centralidade e de Urbanidade  | 315                         | 90  | 105 | 30 | 420 | 120 |
|                  | <b>15</b> | Predom. Residencial, Mistos 1 a 11, Predom. Produtiva                                   | 385                         | 110 | 70  | 20 | 455 | 130 |
|                  | <b>17</b> | Corredor de Centralidade e de Urbanidade  | 385                         | 110 | 105 | 30 | 490 | 140 |
|                  | <b>19</b> | Predom. Residencial, Mistos, Centro Histórico, Corredor de Urbanidade e de Centralidade | 525                         | 150 | -   | -  | 525 | 150 |
|                  | <b>21</b> | Mista Especial  | 350                         | 100 | 105 | 30 | 455 | 130 |
|                  | <b>23</b> | Área Especial de Interesse Institucional  | conforme projeto específico |     |     |    |     |     |
|                  | <b>25</b> | Área Especial   | conforme projeto específico |     |     |    |     |     |
| <b>RAREFEITA</b> | <b>31</b> | Área de Produção Primária   | 2                           | 0,5 | -   | -  | 2   | 0,5 |
|                  | <b>33</b> | Área de Proteção ao Amb. Nat.   | 7                           | 2   | -   | -  | 7   | 2   |
|                  | <b>35</b> | Área de Des. Diversificado  | 17                          | 5   |     |    | 17  | 5   |

**Fonte: Adaptado pelo autor (PDDUA Porto Alegre, 2017).**

**Figura 29 - Índices de Aproveitamento.**

|           |    |  |                    |     |     |                      |
|-----------|----|--|--------------------|-----|-----|----------------------|
|           | 17 | 1,9  | Sim                | Sim | 3,0 | 75m <sup>2</sup>     |
|           | 19 | 2,4  | Sim <sup>(5)</sup> | Sim | 3,0 | 75m <sup>2</sup>     |
|           | 21 | 0,65   | Sim                | Sim | 2,0 | -                    |
|           | 23 | Regime urbanístico próprio a critério do SMGP <sup>(2)</sup> |                    |     |     | -                    |
|           | 25 | Regime urbanístico próprio <sup>(2)</sup>                    |                    |     |     | -                    |
| RAREFEITA | 31 | 0,1  | -                  | -   | -   | 20.000m <sup>2</sup> |
|           | 33 | 0,1  | -                  | -   | -   | 5.000m <sup>2</sup>  |
|           | 35 | 0,2 <sup>(3)</sup>   | -                  | -   | -   | 2.000m <sup>2</sup>  |
|           | 37 | 0,5  | -                  | -   | -   | -                    |
|           | 39 | Regime urbanístico próprio                                   |                    |     |     | -                    |
| INT / RAR | 41 | Regime urbanístico próprio definido por Lei Específica       |                    |     |     | -                    |

IA = Índice de Aproveitamento  
 SC = Solo Criado Adensável  
 TPC = Transferência de Potencial Construtivo  
 IA MÁXIMO = Índice de Aproveitamento Máximo

\* Nenhum projeto poderá ter Índice de Aproveitamento MÁXIMO maior do que 3,0.

(1) Permitida a utilização de áreas construídas não-adensáveis e índices de ajuste de Solo Criado, conforme disposto no art. 120.

(2) O Índice de Aproveitamento não poderá ser maior que 2,5.

(3) Na Área de Ocupação Rarefeita com Potencial de Intensiva, para os empreendimentos habitacionais sociais, quando integrados à Política Municipal de Habitação, o Índice de Aproveitamento será o de código 01, mediante Projeto Especial de Impacto Urbano.

(4) Permitida a Transferência de Potencial Construtivo somente para aplicação no próprio terreno.

(5) Somente em áreas de interesse cultural, conforme disposto no Artigo 95 § 7º, INCISO II

**Fonte: Adaptado pelo autor (PDDUA Porto Alegre, 2017).**

**Figura 30 - Regime Volumétrico.**

|                             |    |                            |                              |                            |                          |
|-----------------------------|----|----------------------------|------------------------------|----------------------------|--------------------------|
|                             | 11 | 52,00                      | 12,50 e 18,00 <sup>(2)</sup> | 4,00 e 9,00 <sup>(2)</sup> | 75% e 90% <sup>(2)</sup> |
|                             | 13 | 52,00                      | 18,00                        | 6,00 e 9,00 <sup>(2)</sup> | 75% e 90% <sup>(2)</sup> |
|                             | 15 | 33,00                      | 12,50 e 18,00 <sup>(2)</sup> | 4,00 e 9,00 <sup>(2)</sup> | 75% e 90% <sup>(2)</sup> |
|                             | 17 | 27,00                      | 12,50 e 18,00 <sup>(2)</sup> | 4,00 e 9,00 <sup>(2)</sup> | 75% e 90% <sup>(2)</sup> |
|                             | 19 | (3)                        | (3)                          | 9,00                       | 75% e 90% <sup>(3)</sup> |
| INTENSIVA<br>E<br>RAREFEITA | 21 | 9,00                       | 9,00                         | -                          | 20%                      |
|                             | 23 | 9,00                       | 9,00                         | -                          | 50%                      |
|                             | 25 | Regime urbanístico próprio |                              |                            |                          |

(1) Os terrenos com frente para as vias constantes no anexo 7.2 terão taxa de ocupação de 90% na base e 75% no corpo.

(2) Os terrenos com frente para as vias constantes no anexo 7.2 e na área central terão altura na divisa de 18m e na base de 9m, e taxa de ocupação de 90% na base e 75% no corpo.

(3) A altura máxima para construção no alinhamento é de um pavimento para cada 2m de largura do logradouro no qual faz frente, até o máximo de dez pavimentos. Para alturas superiores às permitidas no alinhamento, deverão ser mantidos recuos de frente, a partir do último pavimento não recuado, o equivalente a 2m por pavimento adicionado. A taxa de ocupação da base será de 90% e do corpo de 75%.

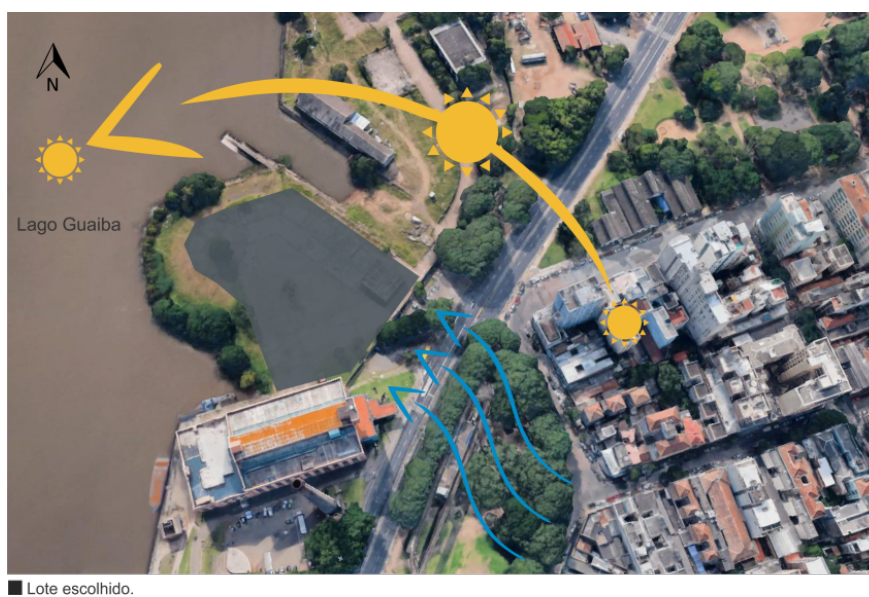
**Fonte: Adaptado pelo autor (PDDUAPorto Alegre, 2017).**

#### 4.1.8 Condicionantes Bioclimáticos

Conforme análises de orientação dos ventos predominantes sobre o lote escolhido, verificou-se que o mesmo é Sudeste (SE), e tendo a testada principal de acesso pela Avenida Presidente João Goulart sua maior incidência de vento. Com isso, pode-se afirmar que gerar uma ventilação cruzada é possível de acordo com a proposição do partido volumétrico.

Quando as demais orientações solares, a fachada Sudeste, Avenida Presidente João Goulart, considerada o principal acesso receberá incidência solar predominantemente no turno da manhã, enquanto a fachada de melhor orientação solar, a Nordeste, será divisa com o lote do Cais do Porto, que hoje não possui bloqueio natural ou de alguma edificação com altura significativa. Sendo importante ressaltar que a fachada Oeste e Sudoeste, por estar junto ao Lago Guaíba, não terá nenhum bloqueio. Entretanto, a fachada Sul que faz divisa com o lote da Usina Do Gasômetro de volumetria densa e de grande porte, necessita assim um cuidado especial quanto a afastamentos e usos, pois receberá maior quantidade de sombra (Figura 31).

**Figura 31 - Análise Bioclimática.**



**Fonte: Adaptado pelo autor (Google Earth, 2017).**

## 5 PROJETO PRETENDIDO

### 5.1 PROJETOS REFERÊNCIAIS FORMAIS

Busca-se analisar a edificação quanto a sua forma, contribuindo como subsidio técnico para a criação da volumetria, fluxos, rasgos e materialidade do projeto a ser realizado.

#### 5.1.1 Edifício Administrativo da companhia de gás em Jiading

O novo edifício Administrativo da Companhia de Gás de Jiading (Figura 32), do norte de Xangai, é um espaço público administrativo. Seu projeto arquitetônico foi desenvolvido pelo Atelier Deshaus, fundado na cidade de Xangai, no ano de 2001, pelos arquitetos e urbanistas Liu Yichun e Chen Yifeng. A implantação do projeto ocorreu na parte nova da cidade, com o entorno imediato repleto de lotes não construídos, em um terreno de porte pequeno, com característica marcante do sítio como a visual da paisagem do rio ao lado norte do projeto.

**Figura 32 - Perspectiva Fachada Norte.**



**Fonte: Deshaus (2008).**

O edifício público tem como principal característica os seus volumes desconexos, com tamanhos diferentes, na fachada norte gerando uma

movimentação e na fachada sul com sua materialidade bem aparente de forma mais natural na base que se integra ao entorno (Figura 33). O projeto consiste em um bloco mais monolítico e estático de 3 pavimentos, mantendo a rigidez da base apenas com rasgos de fenestrações e ventilações verticalizadas, características que também nos demonstra a intenção de espaços mais reservados e menos visuais, com um controle de iluminação.

**Figura 33 - Perspectiva Fachada Sul.**



**Fonte: Deshaus (2008).**

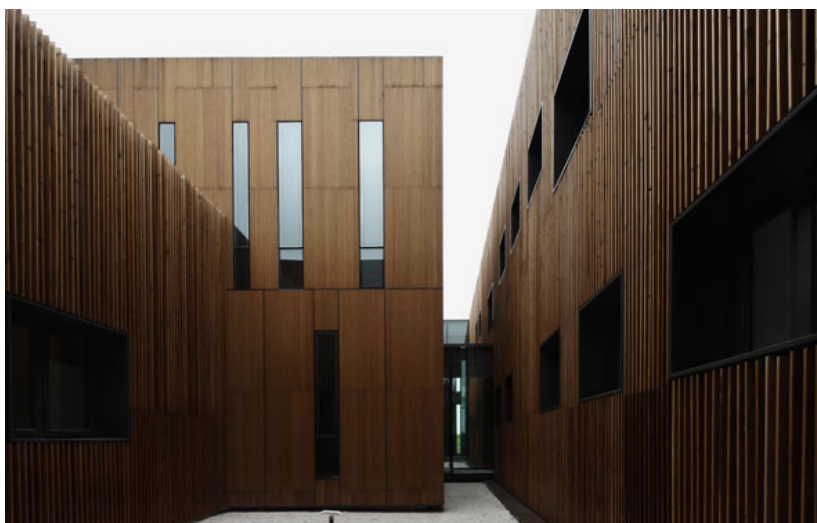
Na fachada norte fica bem claro o jogo dos volumes, onde os mesmos se apresentam com formatos de retângulos, porém, com comprimento, largura e alturas diferenciadas, trazendo assim movimento para a edificação. Estes blocos individuais anexados ao edifício base com forma mais despojada tem a intenção, além de um caráter de uso diferenciado, gerar espaços vazios entre o bloco principal, tornado assim possível criar pátios internos que se interligam, modificando a linearidade dos ambientes internos, mas, mantendo um ritmo marcado entre as edificações, servindo também para trazer iluminação natural para os ambientes (Figura 34).

**Figura 34 – Perspectiva.**

**Fonte: Deshaus (2008).**

Para explicar a concepção das fachadas e da sua materialidade é importante lembrar que os arquitetos tentaram trazer para a edificação o destaque à materialidade do local, fazendo uma integração com o seu entorno ainda em desenvolvimento. Busca-se para a fachada principal sul, onde se encontram os escritórios, uma materialidade em concreto aparente com a textura horizontalizada das chapas de concretagem bem destacadas e com rasgos verticais de fenestrações. Para a fachada norte, que possui a visual do rio, traz toda a movimentação dos blocos trabalhada com placas de aço corten, gerando um contraste forte entre o concreto e o aço corten. Na parte onde acontecem os pátios internos, no centro da edificação, foram trabalhados brises verticalizados em bambu, dando um caráter mais aconchegante e intimista (Figura 35).



**Figura 35 - Perspectiva.**

**Fonte: Deshaus (2008).**

Fica nítida a intenção projetual dos arquitetos quanto a materialidade, utilizando-se de materiais mais naturais, na busca da pureza provida pela terra, e interação com seu entorno. O uso dos volumes de forma diferenciada traz para a edificação o contraste visual, mas pelo fato de ter uma materialidade mais natural torna a edificação parte do cenário local (Figura 36).

**Figura 36 – Perspectiva.**

**Fonte: Deshaus (2008).**

### 5.1.2 Centro Cultural em Baud

O projeto desenvolvido pelo Studio 02 foi de um centro cultural dedicado à preservação de uma coleção de cartões postais única, com área de 1500m<sup>2</sup>, na cidade de Baud, França. A intenção projetual era dividir o espaço do programa de necessidades, que formam a exposição em cinco partes iguais conectadas para formar assim sua estrutura formal primária (Figura 37).

**Figura 37 - Perspectiva Geral.**



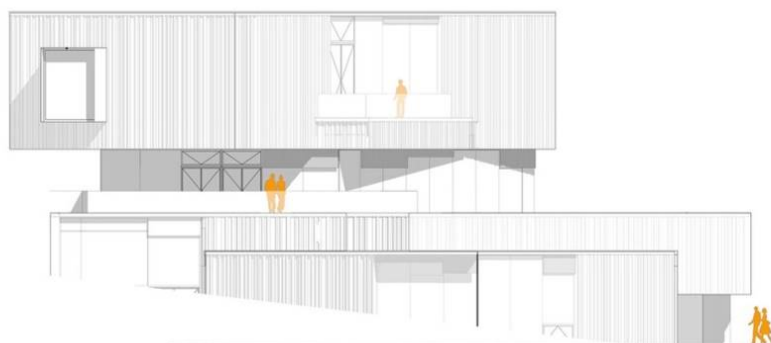
**Fonte: Archdaily (2016).**

A volumetria tem uma premissa básica, grandes blocos retangulares se entrelaçando com ângulos de 20° se sobrepondo, tirando proveito do desnível do terreno e com isso gerando rasgos e ambientações de espaços ao ar livre, trazendo iluminação natural e ventilação cruzada para estes os ambientes internos. Para uma melhor interação com seu entorno, o edifício mantém uma mesma ideia de alturas e intersecções, aproveitando do formato de cascata que os blocos formam, dando destaque aos telhados verdes (Figura 38).

**Figura 38- Perspectiva Geral.**

**Fonte: Archdaily (2016).**

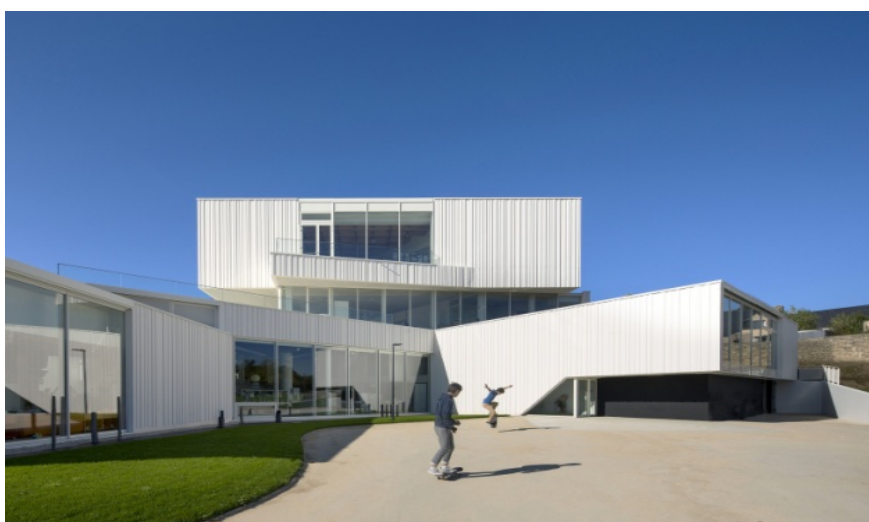
As fachadas consistem basicamente na materialidade do concreto branco com ranhuras horizontais de tamanhos diversos, mas, ritmados que dão uma uniformidade estética ao projeto inteiro, trazendo pra si a ideia visual de uma borda de um livro (Figura 39), sendo acompanhado de aberturas com grandes panos de vidro dando a permeabilidade necessária para leitura e uso da luz solar de forma agradável, as sobreposições dos blocos também acabam gerando sombreamento necessário para diversas partes do edifício. Com contraste apenas na parte dos pátios externos, onde a o verde da grama se destaca dos grandes panos de vidro e do concreto branco.

**Figura 39- Perspectiva Geral.**

**Fonte: Archdaily (2016).**

As diretrizes de projeto trouxeram para o todo, além da permeabilidade das visuais internas com o jogo de bloco em ângulos, um formato que abraça as pessoas ao chegarem ao local, gerando ambientes externos de grande aproveitamento. Essa intenção de projeto se vincula ao branco com ranhuras das fachadas remetendo a uma borda de um livro, para demonstrar que tudo é história em movimento (Figura 40).

**Figura 40 - Perspectiva Geral.**



**Fonte: Archdaily (2016).**

## 5.2 PROJETOS REFERENCIAIS ANÁLAGOS

Para um melhor entendimento dos tipos de atividades a serem desenvolvidas na edificação, a análise sobre os fluxos, programa de necessidades, usos e distribuição dos espaços são importantes para tomada de decisões para o aspecto construtivo do projeto a ser desenvolvido.

### 5.2.1 Escola de Música Tohogakuen

O projeto desenvolvido pelo escritório Nikken Sekkei de uma escola de música com 1943m<sup>2</sup> na cidade de Tóquio, Japão no ano de 2014. Em meio a um entorno mais suburbano da cidade, os arquitetos propuseram uma nova exploração

do local para criar uma edificação com uma premissa de um ambiente diferenciado para aprendizagem de música distante do estilo tradicional de escola de música como podemos ver na figura 41 (ARCHDAILY, 2017).

**Figura 41 - Perspectiva do acesso principal.**



**Fonte: Archdaily (2016).**

A edificação teve seu programa de necessidades subdividido entre os três pavimentos existentes. No pavimento subsolo a maior parte é utilizado para espaços de salas de aula, salas de manutenção, banheiros e claraboias. Sendo que a disposição dentre todos eles não tem uma métrica padronizada com tamanhos únicos e retilíneos, e sim uma junção com espaços de tamanhos diferenciados, apenas respeitando os limites externos da edificação, para criar uma melhor interação entre as salas e os rasgos de iluminação, transformando as circulações em espaços mais aproveitáveis para convívio, como podemos observar na figura 42.

**Figura 42- Planta Baixa pavimento Subsolo.**



**Fonte: Archdaily (2016).**

No pavimento térreo, temos um grande foyer que é utilizado tanto como redirecionador dos usuários para seus devidos locais ou mesmo para um ambiente de interação, convívio e descontração dos alunos e frequentadores, pois neste pavimento não há nenhuma sala de aula deixando assim o caráter de mais interação. Encontra-se neste andar toda a parte administrativa da escola como salas de escritórios, salas de staffs, informações, dispensa, sala de computadores, e um pequeno estacionamento de bicicletas (Figura 43). A intenção de salas com tamanhos diferentes gerando visuais externas pelos espaços vazios entre as salas geram uma abertura no edifício, não o isola do exterior e busca atrair mais vitalidade para agregar na formação dos estudantes (Archdaily,2016).

**Figura 43- Planta Baixa pavimento T erreo.**



**Fonte: Archdaily (2016).**

No primeiro pavimento encontramos basicamente salas de aula, com tamanhos e formatos diferentes entre elas para trazer para a circula o um local de uso e não apenas de passagem (Figura 44).

**Figura 44 - Planta Baixa primeiro pavimento.**



**Fonte: Archdaily (2016).**

As visuais dos cantos das salas e das circulações com paredes em vidro (Figura 45) tornam essa interação com o exterior do prédio e da sala uma questão permanente e ajudando a impulsionar e motivar o estudo música.

**Figura 45- Imagem interna da circulação.**



**Fonte: Archdaily (2016).**

Pode-se observar a intenção projetual do escritório de arquitetura de trazer a interação tanto visual quanto presencial dos usuários para a disposição dos ambientes, tornando os ambientes de circulações como corredores em locais mais agradáveis dando uma utilização de estar aos mesmos, com práticas de música, conversas e interações. As visuais, as salas com tamanhos diferenciados e suas disposições no lançamento do projeto deram força ao conceito de ser uma escola de música diferente das tradicionais escolas, com um pensamento diferente que fica representando no projeto arquitetônico.

### **5.2.2 Museu do Rock / Ragnarock**

O Museu do Rock situado no centro cidade de Roskilde na Dinamarca, foi projetado pelos escritórios de arquitetura MVRDV e COBE, com 3100 m<sup>2</sup> de novas áreas construída, teve como exigência o reaproveitamento dos antigos pavilhões abandonados de uma fábrica de concreto, pois o local já era utilizado para o festival



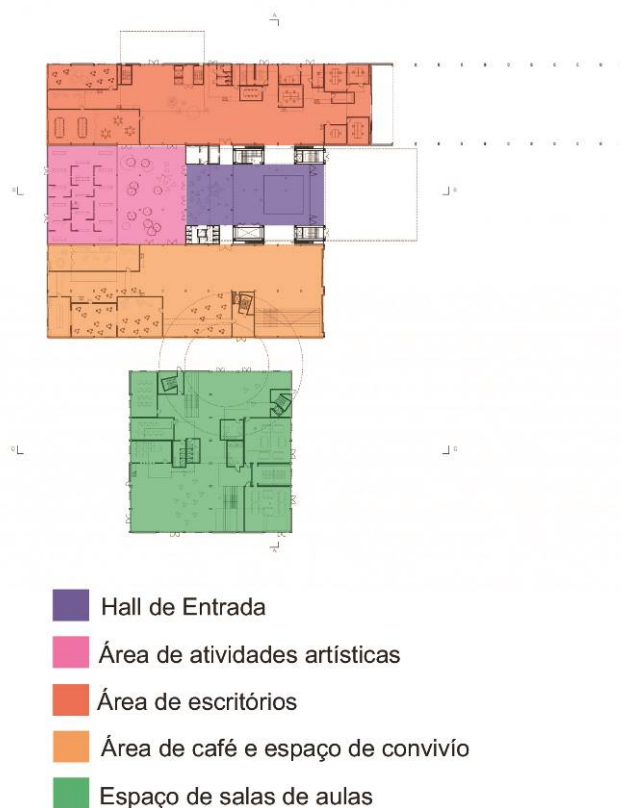
de rock da cidade e por muitos artistas e patinadores locais. Dentro do seu programa de necessidades para o local continuam além do próprio museu, uma escola de arte folclórica, alojamento para os estudantes, escritórios e locais para conferências. Através disso a equipe de arquitetos fez com que as novas edificações fossem utilizadas de forma a juntar todos estes espaços com uma mesma intenção trazendo a integração dos diversos tipos de uso que o local proporciona (Figura 46), tornando além de um museu um grande centro cultural com integração (Archdaily,2016)

**Figura 46 - Vista interna da edificação.**



**Fonte: Cobe (2014).**

A edificação foi dividida em 3 pavimentos, no pavimento térreo é onde o usuário terá acesso ao interior do museu através de uma entrada monumental e por um grande tapete vermelho, que direciona para o hall de entrada da edificação. Passando o Hall de entrada o frequentador pode seguir em frente para um espaço aberto onde há uma miscelânea de atividades artísticas ou virar à direita e ir em direção aos escritórios ou até mesmo virar à esquerda e acessar a parte onde encontrará o café e um espaço de convívio amplo e diversificado. Mais à esquerda de quem entra pelo Hall de entrada se encontra o espaço de salas de aula, de forma que o mesmo por estar descolado dos demais pavilhões se constitui em um local mais voltado para o estudo formal das artes folclóricas e demais ensinamentos do local (Figura 47).

**Figura 47 - Planta Pavimento Térreo.**

**Fonte: Cobe (2014).**

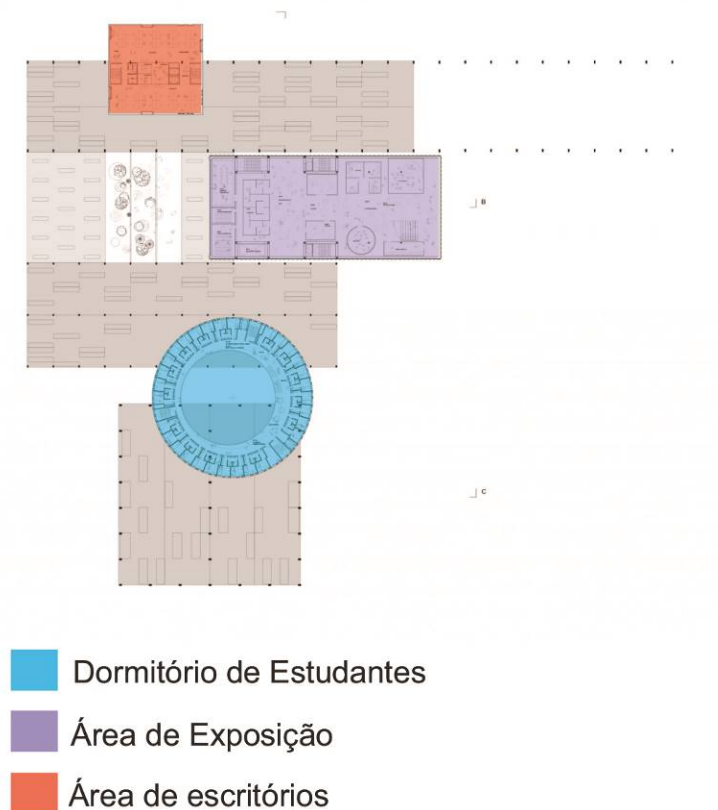
O segundo pavimento é basicamente um reflexo do térreo direcionando escritórios ao lado direito de quem entra através do Hall de entrada e a esquerda uma área de convívio entre as pessoas e também sala de conferência. Sobre a edificação mais deslocada a esquerda continua o mesmo programa de ensino com mais salas de aula e um espaço de interação entre os alunos. Pode-se verificar que em todo o segundo pavimento os espaços de escritório, salas de conferências e salas de aula ficam localizados mais nas extremidades externa da edificação deixando a parte mais central com grandes vãos livres que proporcionam uma interação entre os usuários de acordo com o plano inicial do projeto (Figura 48).

**Figura 48- Planta Primeiro Pavimento.**

**Fonte: Cobe (2014).**

É no terceiro pavimento acima do Hall de entrada que fica localizado o espaço de exposições e interação com a história do Rock. Na parte mais à direita de quem entra pelo Hall de entrada encontra-se uma continuação de salas de escritórios e ao lado esquerdo de quem entra pelo Hall de entrada em forma cilíndrica foram projetados as dependências do alojamento estudantil (Figura 49). Na parte da exposição foram utilizadas diversas formas de compartilhar com o público a experiência no mundo rock, com espaços reservados e outros amplos, explorando visuais e percepções do usuário.

**Figura 49- Planta Pavimento Térreo.**



**Fonte: Cobe (2014).**

Em toda a edificação a intenção de projeto é trazer o usuário para uma viagem dentro da vivência do mundo rock, desde sua forma, tapetes de entrada, distribuição dos espaços culminando em uma exposição imersiva. A relação entre as salas originais do pavilhão e o projeto adicional criou espaços para uma nova geração de estrelas do rock em um ambiente extremamente criativo (Archdaily, 2016).

### 5.3 CENTRO CULTURAL: A CASA DO ROCK GAÚCHO

Centros culturais são locais para conservar e expor as artes e testemunhos materiais produzidos pelo homem. No Brasil, há 2.500 centros culturais, entre museus, teatros e bibliotecas, que mantêm acervos e exposições (PORTAL BRASIL, 2014).

Criados com o objetivo informar, discutir e criar, ultrapassam a função de distração, de modo a auxiliar o desenvolvimento intelectual e emocional do homem.

Espaços para fazer cultura viva, por meio de obras de arte, com informação, em um processo crítico, criativo, provocativo, grupal e dinâmico. Local para a centralização de diversas atividades e que atuam de maneiras interdependentes, simultâneas e multidisciplinares. (NEVES, 2013).

O autor Milanesi (2003, p. 172) também referência os objetivos desse espaço, que reúne um público de características heterogêneas, promovendo ação cultural “um espaço que seja a simbiose, o amálgama torturado das relações humanas, parece ser próprio à Cultura e desejável como proposta”.

Ao buscar a origem mais remota destes espaços culturais autores apontam para a um modelo de complexo cultural existente na Antiguidade Clássica, onde localizamos a Biblioteca de Alexandria (Figura 50). Composta por palácios reais, onde abrigavam variados tipos de documentos, estima-se que a biblioteca tenha armazenado mais de 400.000 rolos de papiro, podendo ter chegado a 1.000.000, de variados segmentos: religião, mitologia, filosofia, medicina, dentre outros. Assim como estátuas, obras de arte, instrumentos cirúrgicos e astronômicos; anfiteatro, um observatório, salas de trabalho, refeitório, jardim botânico e zoológico (RAMOS, 2007).

**Figura 50 – Simulação digital antiga Alexandria.**



**Autor: Soares (2015).**

Após, destaca-se a ação pioneira da França, com a construção do Centre National d'Art et Culture Georges Pompidou (Figura 51), inaugurado em 1977, que serviu de modelo para o resto do mundo. Os espaços culturais foram lançados a partir de uma opção de lazer para os operários franceses, com o objetivo de melhorar as relações entre as pessoas no trabalho, criando áreas de convivências,

quadras esportivas e centros sociais. Mais tarde, em casas de cultura (NEVES, 2013).

**Figura 51 – Visão externa National d'Art et Culture Georges Pompidou.**



**Autor: Piano; Rogers (2011).**

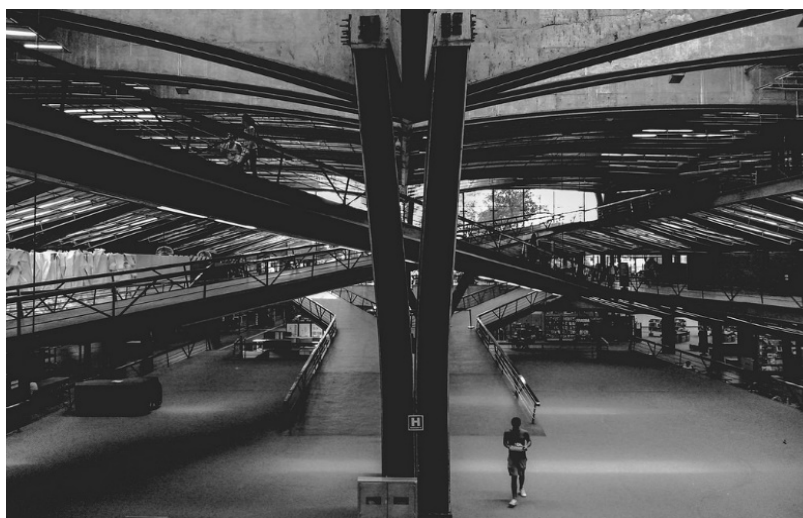
No Brasil, o movimento iniciou em 1960 e tornou se efetivo na década de 80, com a criação dos do Centro Cultural do Jabaquara (Figura 52) e do Centro Cultural São Paulo (Figura 53), ambos em São Paulo. Ganhando forças nos últimos vinte anos, vinculado a ampliação das leis de incentivo à cultura (RAMOS, 2007).

**Figura 52 – Área externa Centro Cultural do Jabaquara.**



**Autor: Yau; Rocha Filho (2017).**

**Figura 53 – Centro Cultural São Paulo.**



**Autor: Souza (2017).**

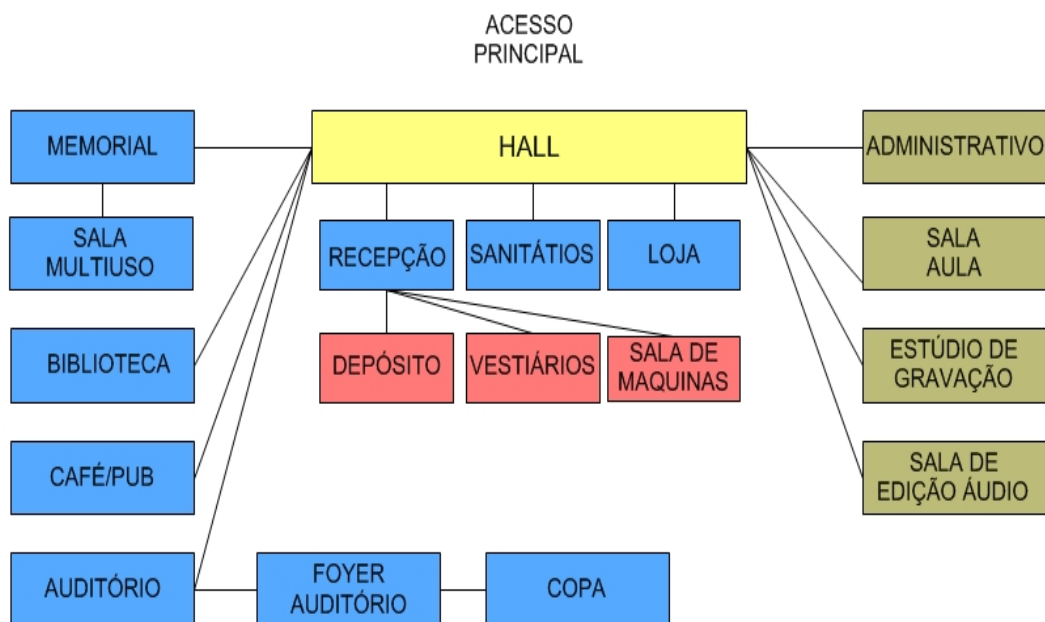
Os centros culturais auxiliam na formação intelectual e humana de uma sociedade, assim como permitem que a história ensine, não fique presa no passado. Como também destaca BUFELLI (2012):

“Os eventos culturais revelam em seus acontecimentos criatividade, costumes, tradições, valores já vividos antigamente, expressões populares artísticas e culturais. Deste modo, agregam à população conhecimento, lazer e identificação pessoal, contribuindo para a formação intelectual e humana”.

#### 5.4 PROGRAMA DE NECESSIDADES E PRÉ-DIMENSIONAMENTOS

Com os estudos de caso e análises sobre os referenciais análogos pode-se desenvolver um programa de necessidades junto com seu pré-dimensionamento (Tabela 1) e seu fluxograma (Figura 54), que será utilizado no desenvolvimento de volumetria e partido da edificação.

Figura 54 – Fluxograma.



Fonte: Autor (2017).

Tabela 1 - pré-dimensionamento.

TABELA DE PRÉ-DIMENSIONAMENTO

| SETOR                                  | LOCAL                      | QUANTIDADE | Nº FUNCIONARIOS | Nº DE USUÁRIOS   | ÁREA              | ÁREA TOTAL               | REFERÊNCIA          |
|--|----------------------------|------------|-----------------|------------------|-------------------|--------------------------|---------------------|
| Público                                | Hall de Acesso             | 1          |                 | 150              | 100m <sup>2</sup> | 100m <sup>2</sup>        | Neufert             |
|  | Memorial Rock Gaúcho       | 1          | 1               | 50               | 70m <sup>2</sup>  | 70m <sup>2</sup>         | Medição do Autor    |
|  | Sala Multiuso              | 1          |                 | 50               | 70m <sup>2</sup>  | 70m <sup>2</sup>         | Medição do Autor    |
|  | Biblioteca                 | 1          | 2               | 50               | 70m <sup>2</sup>  | 70m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Auditório                  | 1          | 2               | 120              | 120m <sup>2</sup> | 120m <sup>2</sup>        | Neufert             |
|  | Foyer Auditório            | 1          |                 | 120              | 72m <sup>2</sup>  | 72m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Copa                       | 1          | 3               | 120              | 20m <sup>2</sup>  | 20m <sup>2</sup>         | Medição do Autor    |
|  | Loja                       | 1          | 2               | 20               | 50m <sup>2</sup>  | 50m <sup>2</sup>         | Manual do Arquiteto |
|  | Café/Pub                   | 1          | 3               | 60               | 120m <sup>2</sup> | 120m <sup>2</sup>        | Medição do Autor    |
|  | Sanitário                  | 4          |                 | 15               | 20m <sup>2</sup>  | 80m <sup>2</sup>         | Neufert             |
| Recepção/informações                   | 1                          | 1          |                 | 10m <sup>2</sup> | 10m <sup>2</sup>  | Medição do Autor         |                     |
| <b>ÁREA TOTAL SETOR PÚBLICO</b>        |                            |            |                 |                  |                   | <b>782m<sup>2</sup></b>  |                     |
| Privado                                | Depósito                   | 1          |                 |                  | 20m <sup>2</sup>  | 20m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Vestiários Funcionários    | 2          |                 | 5                | 15m <sup>2</sup>  | 30m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Sala de Manutenção         | 1          | 1               | 1                | 20m <sup>2</sup>  | 20m <sup>2</sup>         | Neufert             |
| <b>ÁREA TOTAL SETOR PRIVADO</b>        |                            |            |                 |                  |                   | <b>70m<sup>2</sup></b>   |                     |
| Administrativo                         | Secretária                 | 1          | 2               | 10               | 25m <sup>2</sup>  | 25m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Sala do Diretor            | 1          | 1               | 5                | 18m <sup>2</sup>  | 18m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Sala dos Professores       | 1          |                 | 10               | 25m <sup>2</sup>  | 25m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Lavabo                     | 2          |                 | 5                | 15m <sup>2</sup>  | 30m <sup>2</sup>         | Neufert             |
|  | Copa                       | 1          |                 | 10               | 8m <sup>2</sup>   | 8m <sup>2</sup>          | Medição do Autor    |
|  | Sala de Reuniões           | 1          |                 | 10               | 12m <sup>2</sup>  | 12m <sup>2</sup>         | Neufert             |
| <b>ÁREA TOTAL SETOR ADMINISTRATIVO</b> |                            |            |                 |                  |                   | <b>118m<sup>2</sup></b>  |                     |
| Educativa                              | Sala de aula               | 4          |                 | 15               | 40m <sup>2</sup>  | 160m <sup>2</sup>        | Neufert             |
|  | Estudio de Gravação        | 1          |                 | 5                | 50m <sup>2</sup>  | 50m <sup>2</sup>         | Manual do Arquiteto |
|  | Estúdio de Edição de Áudio | 1          |                 | 5                | 20m <sup>2</sup>  | 20m <sup>2</sup>         | Medição do Autor    |
|  | Banheiro                   | 2          |                 | 10               | 15m <sup>2</sup>  | 30m <sup>2</sup>         | Neufert             |
| <b>ÁREA TOTAL SETOR EDUCACIONAL</b>    |                            |            |                 |                  |                   | <b>260m<sup>2</sup></b>  |                     |
| <b>ÁREA TOTAL EDIFICAÇÃO</b>           |                            |            |                 |                  |                   | <b>1348m<sup>2</sup></b> |                     |

Fonte: Autor (2017).



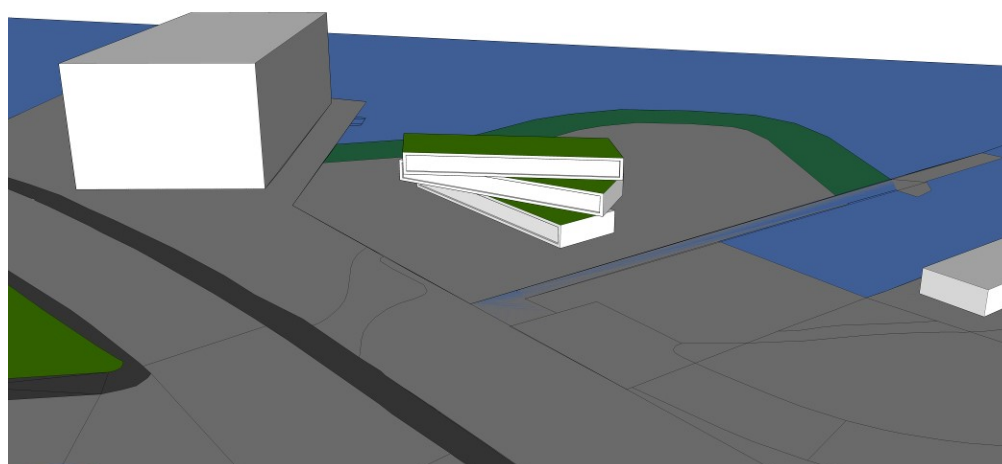
## 5.5 PROPOSTA DE PROJETO

O conceito do projeto, Centro Cultural: A Casa do Rock Gaúcho, se estabelece com base no pilar do tempo, subdividido em passado, presente e futuro. Atribuindo uso e foco aos espaços, que se dividem em memoriais, espaços de convivência e disseminação de cultura, até uma escola de música.

O tempo passado se destaca através do memorial ao Rock Gaúcho, contando toda a sua história, destacando sua importância para o cenário da música no Estado do Rio Grande do Sul. O tempo presente vem destacado por fomentar e estimular a integração entre pessoas e cultura local, com espaços de interação e convívio, e o tempo futuro ganha destaque com a escola de música para o público infantil, que busca o auxílio no desenvolvimento como cidadão e o gosto pela música.

O edifício contempla todos esses espaços, dividido em três pavimentos, em formato de barras retangulares de mesmo tamanho e altura, demonstrando mesma importância hierárquica, porém foi aplicada uma rotação no eixo de conexão entre as elas para um melhor aproveitamento das questões climáticas, para que cada pavimento auxilie no controle solar da barra inferior, e também proporcionando visuais e experiências diferenciadas em cada pavimento, criando espaços ao ar livre em terraços e percepções de visuais variadas (Figura 55).

**Figura 55 - Perspectiva do projeto proposto.**



**Fonte: Autor (2017).**

A divisão dos usos nos pavimentos torna-se fundamental para o lançamento do partido arquitetônico, sendo que, o pavimento térreo representa o tempo passado e tem sua função mais voltada para a parte histórica onde recebe o memorial, já o segundo pavimento representa o tempo presente e tem sua função mais voltada para a integração das pessoas com ambientes espaçosos e de convívio como o café/Pub, e um espaço de exposição multicultural e ao terceiro pavimento, o mais reservado de todos, coube a destinação ao tempo futuro com um caráter mais educacional abrigo a escola de música infantil e estúdios de gravação.

## 5.6 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

O rock sempre foi considerado um estilo musical mais simples, mas, com muito conteúdo e força, algo mais puro. Baseado nessas diretrizes com o intuito de encontrar a materialidade correta do projeto, que vincule a intenção conceitual que o Rock Gaúcho abrange como música, e expressa-la na edificação, foi definido que os materiais a serem utilizados seriam em sua forma, força e beleza natural, algo simples mais com atitude, da mesma forma que o rock se expressa na música. Os materiais selecionados para o projeto são o aço, o concreto aparente, a madeira, e o vidro. Poucas cores, para extrair das tonalidades dos materiais sua paleta de cor, trazendo contrastes e conexões agregando valor ao projeto arquitetônico.

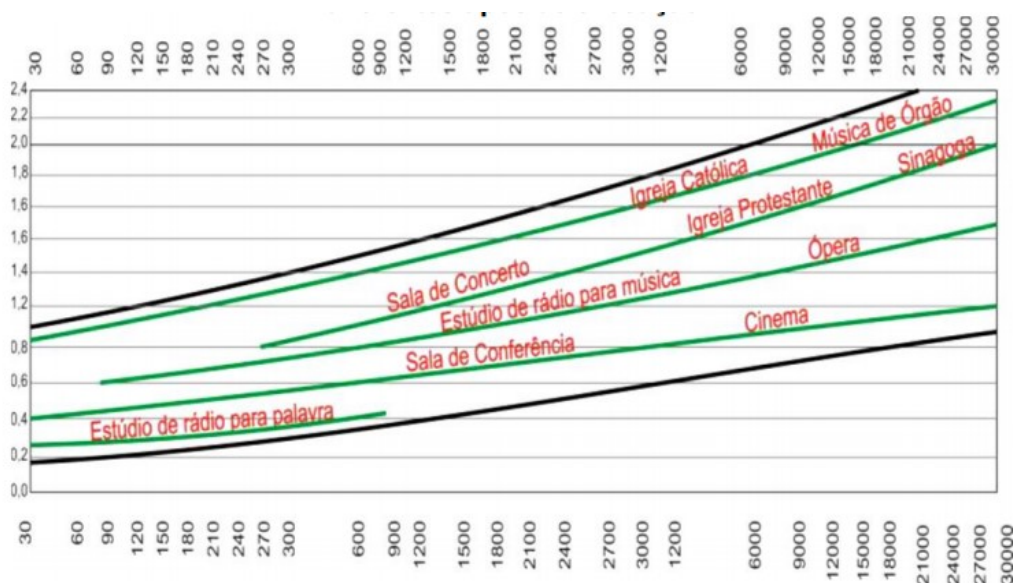
## 6 NORMAS TÉCNICAS

### 6.1 NBR 12179 - TRATAMENTO ACÚSTICO

Esta norma visa fixar critérios fundamentais para execução de tratamento acústicos em recintos fechados, na qual o processo procura fornecer ao local a finalidade a que se destina, condições que permitam uma boa audição às pessoas nele presente e também busca o isolamento necessário para que as ondas sonoras emitidas dentro do mesmo não sejam ouvidas de outros recintos gerando ruídos sonoros indesejados (NBR12179/1992).

Com isso será utilizado a análise da norma um dimensionamento de forma correta para os espaços com o intuito de alcançar o Tempo de Reverberação (TR) para as salas de músicas, café, e todos os recintos que possam gerar ruídos para as demais dependências da edificação. Para este cálculo usarei a fórmula de Sabine que consiste em analisar os materiais utilizados e o volume do recinto para buscar o TR indicado para o uso do local, como mostra na figura 56.

**Figura 56 - Relação entre volume do recinto e Tempo de Reverberação indicado para diferentes tipos de execução.**



Fonte: NBR 12179/1992 (2017).

Fórmula de Sabine:

$$T = \frac{0,16.V}{S_1.a_1 + S_2.a_2 + S_3.a_3\dots}$$

Onde:

T = TR (Tempo de Reverberação)

0,16 = Constante de cálculo.

V= Volume do recinto em m<sup>3</sup>.

S<sup>1</sup>, S<sup>2</sup>, S<sup>3</sup>.... = São áreas das superfícies inferiores do recinto em m<sup>2</sup>.

a<sup>1</sup>, a<sup>2</sup>, a<sup>3</sup> .... = São coeficientes de absorção sonora das várias superfícies interiores e demais elementos absorventes do recinto, do tipo espectadores, cadeiras, mesas e etc.

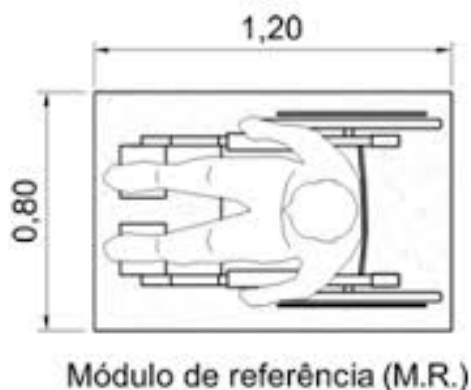
Será utilizado no projeto para manter as salas de música, o estúdio de gravação, o estúdio de edição e o café/pub com uma boa audição para os usuários do recinto e respeitando o cálculo do TR para cada espaço.

## 6.2 NBR 9050 - ACESSIBILIDADE A EDIFICAÇÃO, MOBILIÁRIOS E ESPAÇOS

Toda a edificação deve ser projetada com a condição de acessibilidade universal, para que todas as pessoas sem distinções possam ter livre acesso as dependências da edificação. Com esse intuito foi feita a análise sobre a NBR 9050, que estabelece critérios e parâmetros técnicos a serem analisados quando da execução do projeto visando proporcionar a maior quantidade de pessoas possíveis a utilização de maneira autônoma e segura dos ambientes.

Com isso um aspecto de importante citado é o módulo de referência para uma pessoa utilizando cadeiras de rodas, que é do tamanho de 0,80m por 1,20m, conforme figura 57.

**Figura 57 Módulo de referência.**

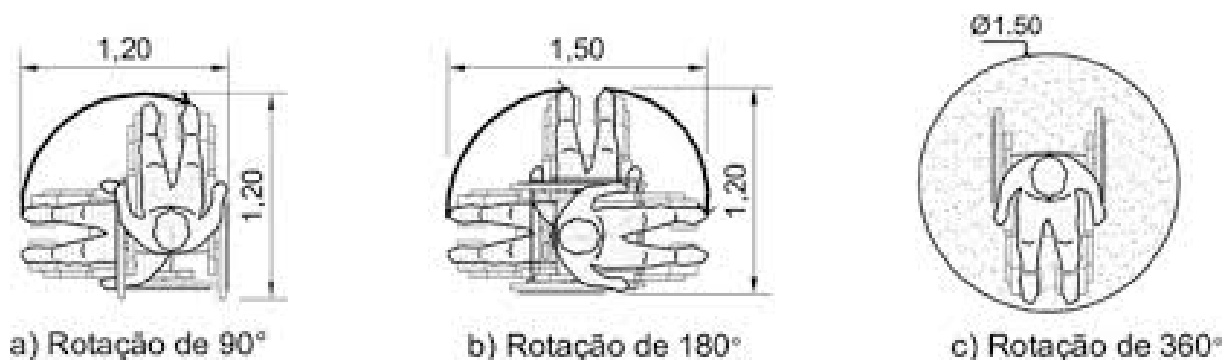


Fonte: NBR 9050/2004 (2017).

Para que o usuário de cadeiras de rodas tenha um perfeito uso do espaço e que o mesmo proporcione um espaço livre e sem obstáculos para uma manobra, de acordo com a norma as medidas são as seguintes (Figura 58):

- a) para rotação de  $90^\circ = 1,20 \text{ m} \times 1,20 \text{ m}$
- b) para rotação de  $180^\circ = 1,50 \text{ m} \times 1,20 \text{ m}$
- c) para rotação de  $360^\circ = \text{diâmetro de } 1,50 \text{ m}.$

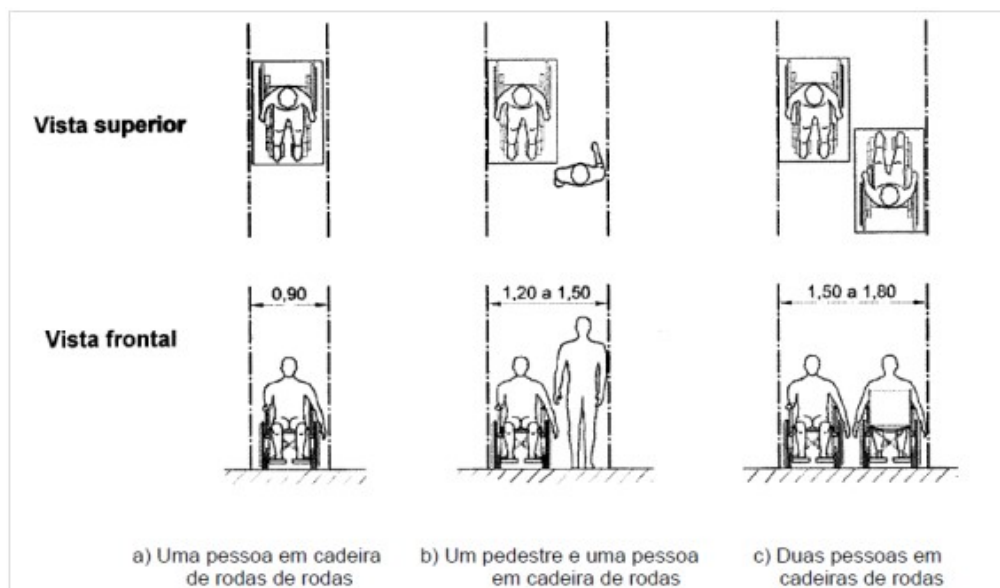
**Figura 58 - Área para manobra de cadeiras de rodas sem deslocamento.**



Fonte: NBR 9050/2004 (2017).

Em áreas de circulação é importante respeitar as dimensões corretas para um deslocamento em linha reta de pessoas com cadeiras de rodas de forma coesa, como na figura 59.

Figura 59- Área para manobra de cadeiras de rodas sem deslocamento.



Fonte: NBR 9050/2004 (2017).

### 6.3 NBR 9077 - SAÍDA DE EMERGÊNCIA EM EDIFÍCIOS

A norma visa que a população da edificação possa abandoná-la em caso de incêndio, completamente protegida em sua integridade física e para permitir um fácil acesso externo para o combate contra o fogo (NBR 9077/2001).

Através da análise feita sobre a norma NBR 9077/2011 foi constatado que o dimensionamento correto para rotas de saídas de emergência da edificação será dado pela seguinte fórmula:

$$N = P / C$$

N = número de unidades de passagem, arredondado para número inteiro.

P = população, conforme coeficiente da figura 61.

C = capacidade da unidade de passagem, figura 61.

Figura 60 - Classificação das edificações quanto à sua ocupação.

| Grupo | Ocupação/Usos              | Divisão | Descrição                               | Exemplos  |
|-------|----------------------------|---------|---|---|
| E     | Educativa e cultura física | E-1     | Escolas em geral                        | Escolas de primeiro, segundo e terceiro graus, cursos supletivos e pré-universitários e outros  |
|       |                            | E-2     | Escolas especiais                       | Escolas de artes e artesanatos, de línguas, de cultura geral, de cultura estrangeira  |
|       |                            | E-3     | Espaço para cultura física              | Locais de ensino e/ou práticas de artes marciais, ginástica (artística, dança, musculação e outros) esportes coletivos (tênis, futebol e outros não incluídos em F-3), sauna, casas de fisioterapias e outros |
|       |                            | E-4     | Centros de treinamento profissional     | Escolas profissionais em geral  |
|       |                            | E-5     | Pré-escolas                             | Creches, escolas maternas, jardins-de-infância  |
|       |                            | E-6     | Escolas para portadores de deficiências | Escolas para excepcionais, deficientes visuais e auditivos e outros   |

Fonte: NBR 9077/2001 (2017).

Figura 61 - Dados para dimensionamento das saídas.

| Ocupação |           | População <sup>(A)</sup>   | Capacidade da U. de passagem |                                 |        |
|----------|-----------|--|------------------------------|---------------------------------|--------|
| Grupo    | Divisão   |  | Acessos e descargas          | Escadas <sup>(B)</sup> e rampas | Portas |
| A        | A-1, A-2  | Duas pessoas por dormitório <sup>(C)</sup>   | 60                           | 45                              | 100    |
|          | A-3       | Duas pessoas por dormitório e uma pessoa por 4 m <sup>2</sup> de área de alojamento <sup>(D)</sup> |                              |                                 |        |
| B        | -         | Uma pessoa por 15,00 m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (G)</sup>                                     | 100                          | 60                              | 100    |
| C        | -         | Uma pessoa por 3,00 m <sup>2</sup> de área <sup>(E) (H)</sup>                                      |                              |                                 |        |
| D        | -         | Uma pessoa por 7,00 m <sup>2</sup> de área   |                              |                                 |        |
| E        | E-1 a E-4 | Uma pessoa por 1,50 m <sup>2</sup> de área <sup>(F)</sup>  | 30                           | 22                              | 30     |
|          | E-5, E-6  | Uma pessoa por 1,50 m <sup>2</sup> de área <sup>(F)</sup>  |                              |                                 |        |

Fonte: NBR 9077/2001 (2017).

Também é importante respeitar a distância máxima a ser percorrida que a norma estipula para uma melhor evacuação do espaço, conforme figura 62.

**Figura 62- Distâncias máximas a serem percorridas.**

| Tipo de edificação | Grupo e divisão de ocupação     | Sem chuveiros automáticos |                   | Com chuveiros automáticos |                   |
|--------------------|---------------------------------|---------------------------|-------------------|---------------------------|-------------------|
|                    |                                 | Saída única               | Mais de uma saída | Saída única               | Mais de uma saída |
| X                  | Qualquer                        | 10,00 m                   | 20,00 m           | 25,00 m                   | 35,00 m           |
| Y                  | Qualquer                        | 20,00 m                   | 30,00 m           | 35,00 m                   | 45,00 m           |
| Z                  | C, D, E, F, G-3, G-4, G-5, H, I | 30,00 m                   | 40,00 m           | 45,00 m                   | 55,00 m           |
|                    | A, B, G-1, G-2, J               | 40,00 m                   | 50,00 m           | 55,00 m                   | 65,00 m           |

Fonte: NBR 9077/2001 (2017).



## CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados, posso concluir que o projeto pretendido seria viável, visto que a cidade de Porto Alegre possui um eixo cultural, com diversos museus, teatros, igrejas, que seriam enriquecidos com a implementação desta casa cultural, que preserva e fomenta um aspecto importante da cultura regional: Rock Gaúcho.

Do mesmo modo, a localização facilitaria o acesso ao público de trabalhadores, estudantes, turistas, entre outros. Que além de um espaço para distração, por possuir diversas dinâmicas, encontrariam um local para informação, que exercita a criação e diálogo, além de auxiliar no desenvolvimento emocional e intelectual do indivíduo.

A escolha do tema, Centro Cultural: A Casa do Rock Gaúcho, explica se com as análises desenvolvidas e na enquete realizada com alguns moradores da região sobre a proposta. A requalificação urbana do lote poderá trazer muitos benefícios a cidade, sejam eles culturais, econômicos ou turísticos. Por fim, a partir de resultados benéficos, com os pavimentos para relembrar o passado, fomentar e estimular o presente e aplicar e desenvolver o futuro, a edificação deste complexo cultural será justificada e acolhida pela comunidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050 Acessibilidade a edificações, mobiliários, espaços e equipamentos urbanos**. 3. Ed. Brasil, 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9077 Saídas de emergência em edifícios**. Brasil, 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12179 Tratamento acústico em recintos fechados**. Brasil, 1992.

AVILA, Alisson; BASTOS, Cristiano; MÜLLER, Eduardo. **Gauleses Irredutíveis: causos e atitudes do Rock Gaúcho**. 1. Ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001. 252 p.

BATISTA, Claudio Magalhães. **Memória e Identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural**. Caderno Virtual de Turismo, v.5, n.3, 2005.

BELTRAME, Beatriz. **A importância dos sons e da música para o bebê**. Disponível em: <<https://www.tuasaude.com/a-importancia-dos-sons-e-da-musica-para-o-bebe/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2016.

BORBA, Mauro. **Prezados Ouvintes**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora Ltda, 1996. 217 p.

BRASIL. Governo Federal Brasileiro. **Porto Alegre - Patrimônio Cultural**. Disponível em: <[http://www.copa2014.gov.br/pt-br/brasilecopa/cultura/portoalegre\\_patrimonio](http://www.copa2014.gov.br/pt-br/brasilecopa/cultura/portoalegre_patrimonio)>. Acesso em: 14 de outubro de 2016.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. 2. Ed. São Paulo: Editora Átomo, 2011. 145 p.

BUFELLI, Lidiana. **A importância dos eventos culturais: agregando valores à população**. Disponível em: <<https://espacorp.wordpress.com/2012/04/04/a-importancia-dos-eventos-culturais-agregando-valores-a-populacao/>>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

CAMPOS, Wolney Leite. **A arte de viver da música: um estudo de caso com músicos atuantes no cenário Rock/ POP gaúcho**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/29276>>. Acesso em: 22 de agosto de 2016.

FARIA, Arthur de. **1963-2002: a ascensão a queda do rock IAPI**. Disponível em: <<https://paulobarbosa175.wordpress.com/2011/06/27/1963-2002-a-ascensao-queda-do-rock-do-iapi/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2016.

FERREIRA, Danielle. **A importância da música na educação infantil**. Dissertação-Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/DANIELLE%20FERREIRA.pdf>>. Acesso em: 30 de setembro de 2016.

FOSTER, Gustavo. Por que o rock gaúcho sumiu do mapa? **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 22 de janeiro de 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2016/01/por-que-o-rock-gaucha-sumiu-do-mapa-4957885.html>>. Acesso em: 22 de agosto de 2016.

FOSTER, Gustavo. Rock Gaúcho ganha força com a criação de selos independentes: união de bandas novas tem movimentado a cena roqueira no RS. **Jornal Zero Hora**, Porto Alegre, 12 de setembro de 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2016/09/rock-gaucha-ganha-forca-com-a-criacao-de-selos-independentes-7424710.html>>. Acesso em: 22 de agosto de 2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/extras/perfil.php?codmun=431490>>. Acesso em: 14 de outubro de 2016.

ILIBIO, Fernando Nunes; NEVES, Jadina De Farias. A música na construção e formação do ser. **Revista Maiêutica**, Indaial, v. 3, n. 1, p. 19-36, 2015.

KESKE, Humberto Ivan Grazzi; LEHNEN, Lidiani Cristina. Na trilha sonora dos pampas: a batida pesada do Rock n' Roll a la gaúcho. **Revista Eletrônica Polêmica**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 503-523, julho/ setembro 2012.

KICHALOWSKY, Marco Andrei. Esse tal de Rock Gaúcho. **Randomicidades**, Porto Alegre, 16 de fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://randomicidades.blog.br/2014/02/esse-tal-de-rock-gaucha/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2016.

MILANESI, Luís. **A Casa da Invenção: Biblioteca, Centro Cultural**. 4. Ed. revisada e ampliada. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

NEVES, Renata Ribeiro. **Centro Cultural à promoção da Arquitetura**. 5. Ed., n. 5, v. 1. Revista Especialize On-line IPOG. Goiânia, 2013.

PANTAROLO, Fabio. Protesto, crítica social e a influência musical do Rock n'Roll na música popular brasileira do pós guerra. **Voos revista polidisciplinar eletrônica da faculdade Guairacá**, Paraná, v. 1, n.1, 2009. <[http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/13/09\\_Vol1\\_VOOS2009\\_CH](http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/13/09_Vol1_VOOS2009_CH)>. Acesso em: 28 de agosto de 2016.

PAPALIA, Daiane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. Ed. Porto Alegre: Editora AMGH Editora Ltda, 2003. 33-53 p.

PENNA, Maura. **Música (s) e seu Ensino**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. 230 p.

PIMENTEL, Cida. **Um Rock do Sul**- impressões no cenário gaúcho. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=hOaM\\_UNqs7s](https://www.youtube.com/watch?v=hOaM_UNqs7s)>. Acesso em: 1 de outubro de 2016.

PINTO, Charles Di; SILVEIRA, Fabrício; BERNARDES, Iglenho; CORRÊA, Thedy; BORBA, Mauro; JOE, Jim; BORBA, Gustavo. **Fragments de memória do Rock Gaúcho**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2014. 191 p.

PINTO, Gabriela Baranowski; PAULO, Elizabeth de; SILVA, Thaisa Cristina da. Os centros culturais como espaço de lazer comunitário: o caso de Belo Horizonte. **Revista de Cultura e Turismo Cultur**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 86-108, junho 2012.

PMPA. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **História da Cidade**. Disponível em: <[http://www.portoalegre.travel/site/historico\\_da\\_cidade.php](http://www.portoalegre.travel/site/historico_da_cidade.php)>. Acesso em: 14 de outubro de 2016.

PMPA. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Centro Municipal de Cultura, arte e lazer Lupicínio Rodrigues**. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/d\\_efault.php?p\\_secao=274](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smc/d_efault.php?p_secao=274)>. Acesso em: 03 de março de 2017.

PMPA. Prefeitura Municipal de Porto Alegre **Atelier Livre**. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal\\_pmpa\\_novo/default.php?p\\_noticia=170972&ATELIER+LIVRE+ABRE+INSCRICOES+PARA+O+SEGUNDO+SEMESTRE](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/portal_pmpa_novo/default.php?p_noticia=170972&ATELIER+LIVRE+ABRE+INSCRICOES+PARA+O+SEGUNDO+SEMESTRE)>. Acesso em: 03 de março de 2017.

PMPA - Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **PDUA - Plano Diretor Urbanístico Ambiental**. Porto Alegre 2017. Disponível em: <[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p\\_secao=218](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=218)>. Acesso em: 18 de junho de 2017.

PMPA Prefeitura Municipal de Porto Alegre. **Portal do Turista**. Disponível em: <[http://www.portoalegre.travel/site/historico\\_da\\_cidade.php](http://www.portoalegre.travel/site/historico_da_cidade.php)>. Acesso em: 14 e outubro de 2016.

PORTAL BRASIL. **Centros Culturais**. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2009/11/centros-culturais>>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. Ed. Novo Hamburgo: Editora Feevale, 2013. 276 p.

RAMOS, Luciene Borges. **Centro cultural**: território privilegiado da ação cultural e informacional na sociedade contemporânea. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 3, Salvador, 2007.

RODRIGUES, Carmen Aguera Munhoz. **A importância do ensino de música para o desenvolvimento infantil**. Dissertação- Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2011. Disponível em: <[http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39428412/a\\_importancia\\_de\\_ensinar\\_musica.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1476061997&Signature=B4MpOzVkawvb26rsFsVLjrzhXQw%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DA\\_importancia\\_de\\_ensinar\\_musica.pdf](http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/39428412/a_importancia_de_ensinar_musica.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAJ56TQJRTWSMTNPEA&Expires=1476061997&Signature=B4MpOzVkawvb26rsFsVLjrzhXQw%3D&responsecontentdisposition=inline%3B%20filename%3DA_importancia_de_ensinar_musica.pdf)>. Acesso em: 30 de setembro de 2016.

SILVA, Denise Rejane Mello da. **Economia da cultura e cidades criativas**: uma abordagem do centro histórico de Porto Alegre. Graduação- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A - Questionário realizado em cidadãos da região.

1 Qual sua idade:

- 20 a 30 anos.
- 30 a 40 anos.
- 40 a 50 anos.
- Outros. Qual? \_\_\_\_\_.

2 Gênero:

- Masculino.
- Feminino.

3 Local que reside:

- Vale do Sinos.
- Serra.
- Grande Porto Alegre.
- Outras. Qual? \_\_\_\_\_.

4 Costuma ir a Porto Alegre nos seus momentos de lazer/descanso?

- Sim.
- Não.

5 Frequentaria uma casa cultural?

- Casa cultural tem como finalidade lazer e formação de conhecimento. Disponibiliza espaços para shows, exposições artísticas, áreas de alimentação, bancas.

- Sim.
- Não.

6 Acredita que uma casa cultural pode ser descrita como atividade familiar, de desenvolvimento e interação social?

- Sim.
- Não.

7 Acredita que a música tenha influência no processo de desenvolvimento, emocional e físico, do jovem e adolescente?

- Falamos em emocional para expressar o desenvolvimento emocional e percepção do mundo e físico para o desenvolvimento da fala e aprendizado.

( ) Sim.

( ) Não.

8 Você conhece o Rock Gaúcho?

- Rock gaúcho gênero musical desenvolvido no Sul, semelhante ao rock nacional.

( ) Sim.

( ) Não.

9 Acredita na importância da valorização do Rock Gaúcho?

- Como cultura local e musicalidade.

( ) Sim.

( ) Não.

10 Em se tratando de gênero musical, em que nível você qualifica a importância do Rock Gaúcho no seu desenvolvimento?

( ) Nenhuma, não teve importância.

( ) Mínima, apenas esteve presente no meu desenvolvimento.

( ) Regular, influenciou em alguns momentos.

( ) Máxima, teve influência direta em diversos momentos.

11. Você pode citar o nome de uma banda gaúcha?

---